

Meu caro Rui, meu caro Nabuco



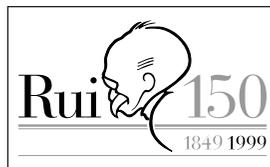
Meu caro Rui, meu caro Nabuco



José Almino de Alencar

Ana Maria Pessoa dos Santos

Rio de Janeiro • 1999



Edições  Casa de Rui Barbosa

Presidente da República
Fernando Henrique Cardoso

Ministro da Cultura
Francisco Correa Weffort

FUNDAÇÃO CASA DE RUI BARBOSA

Presidente
Mario Brockmann Machado
Diretor Executivo
Luíz Eduardo Conde
Diretora do Centro de Pesquisas
Rachel Valença
Chefe do Setor de Filologia
Adriano da Gama Kury
Chefe do Setor Ruiano
Rejane M.M. de Almeida Magalhães

Organização:
José Almino de Alencar
Ana Maria Pessoa dos Santos
Edição:
Setor de Editoração/ Centro de Pesquisas
Projeto gráfico:
Angelo Venosa

ISBN 85-7004-216-7

Barbosa, Rui, 1849-1923.

Meu caro Rui, meu caro Nabuco / [org.] José Almino de Alencar, Ana Maria Pessoa dos Santos. - Rio de Janeiro : Casa de Rui Barbosa, 1999.
94 p. : il.

1. Barbosa, Rui, 1849-1923 - Correspondência.
 2. Nabuco, Joaquim, 1849-1910 – Correspondência.
 3. Relações internacionais – Correspondência.
- I. Nabuco, Joaquim, 1849-1910. II . Alencar, José Almino de, 1946- org.
III. Santos, Ana Maria Pessoa dos Santos, 1955- org. IV. Fundação Casa de Rui Barbosa.

CDD 923.2

SUMÁRIO

Apresentação	6
1 A Primeira Década da República. A Questão da Guiana	6
2 Final da Questão da Guiana e a Terceira Conferência Pan-Americana	8
3 Em Torno de Haia	11
4 Reflexos de Haia. Últimas Cartas	15
5 Correspondência	17
Documento 1. Carta de JN a RB, 16/2/1887. FCRB	17
Documento 2. Carta de JN a RB, 15/1/1889. FCRB (inérita)	19
Documento 3. Convite de JN a RB, 4/1889. FCRB	20
Documento 4. Carta de JN a RB, 14/3/1899. FCRB	21
Documento 5. Carta de JN a RB, 2/5/1899. FCRB (inérita)	23
Documento 6. Carta de JN a RB, 21/7/1906. FCRB (inérita)	24
Documento 7. Carta de RB a JN, 22/7/1906. FCRB	26
Documento 8. Carta de JN a RB, 23/7/1906. FCRB	27
Documento 9. Carta de RB a JN, 25/7/1906. FUNDAJ	29
Documento 10. Telegrama de JN a RB, 26/7/1906. FCRB	30
Documento 11. Carta de RB a JN, 30/7/1906. FUNDAJ	31
Documento 12. Carta de RB a JN, 23/8/1906. FUNDAJ	32
Documento 13. Carta de JN a RB, 15/10/1906. FCRB	33
Documento 14. Telegrama de RB a JN, 2/4/1907. FUNDAJ	34
Documento 15. Telegrama de JN a RB, 2/4/1907. FUNDAJ	35
Documento 16. Carta de RB a JN, 10/6/1907. FUNDAJ	36
Documento 17. Cartão de JN a RB, 6/1907. FCRB	37
Documento 18. Carta de JN a RB, 13/6/1907. FCRB	38
Documento 19. Cartão de JN a RB, 1907. FCRB	42
Documento 20. Cartão de JN a RB, 1907. FCRB	43
Documento 21. Carta de JN a RB, 29/6/1907. FCRB	44
Documento 22. Carta de JN a RB, 26/8/1907. FCRB	45
Documento 23. Telegrama de RB a JN, 6/9/1907. FUNDAJ	48
Documento 24. Telegrama de RB a JN, 14/9/1907. FUNDAJ	49

Documento 25. Telegrama de JN a RB, 14/9/1907. FUNDAJ	50
Documento 26. Telegrama de RB a JN, 14/9/1907. FCRB	51
Documento 27. Telegrama de JN a RB, 14/9/1907. FCRB	52
Documento 28. Telegrama de JN a RB, 17/9/1907. FCRB	53
Documento 29. Telegrama de RB a JN, 20/9/1907. FUNDAJ	54
Documento 30. Telegrama de RB a JN, 22/9/1907. FUNDAJ	55
Documento 31. Carta de JN a RB, 24/9/1907. FCRB	56
Documento 32. Telegrama de RB a JN, 21/10/1907. FUNDAJ	57
Documento 33. Carta de JN a RB, 22/10/1907. FCRB	58
Documento 34. Carta de JN a RB, 31/12/1907. FUNDAJ	60
Documento 35. Carta de JN a RB, 20/1/1908. FCRB	61
Documento 36. Telegrama de RB a JN, 17/3/1908. FUNDAJ	63
Documento 37. Carta de JN a RB, 11/4/1908. FCRB (inédita)	64
Documento 38. Carta de RB a JN, 1/7/1908. FUNDAJ	66
Documento 39. Carta de JN a RB, 3/8/1908. FCRB (inédita)	67
Documento 40. Carta de JN a RB, 4/8/1908. FCRB	69
Documento 41. Carta de JN a RB, 2/9/1908. FCRB (inédita)	70
Documento 42. Carta de RB a JN, 12/11/1908. FUNDAJ	72
Documento 43. Carta de JN a RB, 4/2/1909. FCRB	75
Documento 44. Carta de RB a JN, 25/5/1909. FUNDAJ	77

APRESENTAÇÃO

O presente trabalho faz parte originalmente de um projeto do Centro de Pesquisas para este ano, em que comemoramos na Casa de Rui Barbosa os 150 anos de nascimento de Rui Barbosa: a publicação de uma coletânea de estudos sobre o Patrono, cujos temas seriam de livre escolha dos pesquisadores. José Almino de Alencar e Ana Pessoa se decidiram por analisar a correspondência entre Rui e Joaquim Nabuco, cujo sesquicentenário se comemora também em 1999.

As cartas de Nabuco a Rui se encontram sob a guarda do Arquivo Histórico da Casa e foi fácil consultá-las, contando como sempre com a cooperação da laboriosa equipe chefiada por Maria Lúcia Ludolf de Melo. Já as cartas de Rui a Nabuco se encontram na Fundação Joaquim Nabuco em Recife, mas tornou-se fácil o acesso a elas graças ao convênio firmado entre nosso Centro de Memória e Documentação e o Instituto de Documentação da FUNDAJ para troca de microfilmes com as cartas de ambos. Devemos, portanto, à Fundação Joaquim Nabuco, na pessoa do Superintendente do Instituto de Documentação, Dr. Frederico Pernambucano de Mello, um agradecimento muito especial, pois a presteza no atendimento a nossa solicitação tornou possível a conclusão do trabalho em tempo hábil.

Pronto o trabalho, percebeu-se de imediato que diferia dos demais que compõem a Coletânea, não só pela sua extensão como pelo próprio tom literário em que é escrito e pelo caráter eminentemente documental de que se reveste. Daí a decisão do Conselho Editorial em dar-lhe edição autônoma, como forma também de prestar a modesta homenagem desta instituição ao grande pernambucano contemporâneo de Rui.

Temos certeza de que a publicação das cartas trocadas por Rui Barbosa e Joaquim Nabuco, acompanhadas de notas e comentários esclarecedores das circunstâncias históricas a que aludem, será uma valiosa colaboração a todos que se debruçam sobre a obra desses dois brasileiros ou sobre a época em que viveram.

Rio de Janeiro, outubro de 1999.

Rachel Valença

Diretora do Centro de Pesquisas

MEU CARO RUI, MEU CARO NABUCO

O tom é muitas vezes informal, o uso do “você” vem à pena naturalmente, há uma certa forma de cumplicidade entre companheiros da mesma geração e de bancos da academia. Não há intimidade. Existe, sim, um entendimento mútuo, nascido do convívio na vida pública, quase sempre do mesmo lado: liberalismo, abolicionismo, federalismo. Mas não há a gratuidade e a espontaneidade da correspondência que sela os laços de amizade. Trata-se do que se tem de tratar: da III Conferência Pan-Americana, da II Conferência da Paz em Haia, do Projeto do Código Civil brasileiro. De quando em quando, uma nota pessoal: a morte do Barão de Inhoã, sogro de Nabuco, o casamento de Maria Adélia, filha de Rui. No mais, os cumprimentos rituais às respectivas esposas.

Trata-se, portanto, de uma correspondência de negócio: negócio público, naturalmente, negócios de estado, envolvendo, na sua maior parte, assuntos da política exterior brasileira.

Os dois começaram, de fato, a se escrever por ocasião da Questão da Guiana, quando Joaquim Nabuco foi designado representante brasileiro no litígio sobre a delimitação de fronteiras com a colônia inglesa. Era a sua “reconciliação com a República”¹. Rui Barbosa celebrou-a com um artigo, *A Missão Nabuco*, e recebeu carta agradecida.

Depois, já embaixador em Washington, Nabuco se empenha em incluir o então vice-presidente do Senado nos esforços para o bom desempenho da Conferência Pan-Americana no Rio de Janeiro. E, finalmente, houve a colaboração nos preparativos da Conferência de Haia. Ao todo, são 44 documentos, entre cartas, telegramas e bilhetes.

A preservação dessa correspondência é resultado do cuidado que tanto Rui como Nabuco, ainda jovens, dedicaram aos seus arquivos, procedimento que, se inicialmente motivado por amor filial, firmou-se como compromisso e se estendeu, com minúcias, por toda a vida.

Esse cuidado é, inclusive, ilustrado na correspondência (documento 2), quando Nabuco envia a Rui um documento de João José Barbosa de Oliveira, possivelmente encontrado junto aos papéis do Senador Nabuco.

Ainda uma vez o sentido público se sobreporia ao privado quando os documentos pessoais foram confiados às instituições dos quais são patronos.

A reunião dessa correspondência é, portanto, devedora do empenho dos arquivistas das duas fundações – Fundação Casa de Rui Barbosa e Fundação Joaquim Nabuco –, tendo sido registrada a

¹ Cf. Carolina Nabuco. *A Vida de Joaquim Nabuco*, por sua filha Carolina Nabuco. São Paulo: Companhia Editora Nacional, 1929, pp. 319-333.

proveniência de cada documento.

Como o presente levantamento acresce o conjunto anteriormente reunido por Carolina Nabuco ², considerou-se oportuno assinalar o ineditismo dessas novas cartas.

Cabe, contudo, ressaltar que, apesar dos cuidados empregados na pesquisa, percebe-se uma ou outra lacuna no encadeamento da correspondência, o que, mesmo sem prejuízo do conjunto recolhido, deixa em aberto a localização de novos documentos.

² Joaquim Nabuco. *Cartas a Amigos*, coligidas e anotadas por Carolina Nabuco. São Paulo: Progresso Editorial S.A., s.d.

A PRIMEIRA DÉCADA DA REPÚBLICA. A QUESTÃO DA GUIANA

No ano da proclamação da República, Rui e Nabuco completam quarenta anos de idade. Haviam convivido na Academia, no Parlamento e na Campanha Abolicionista. Juntos defendiam o federalismo como regime político-administrativo para o Brasil. A República vai separá-los por algum tempo.

Diante do novo regime, Nabuco reafirma a sua crença monarquista, recusando-se inclusive, apesar de solicitado³, a postular uma cadeira nas eleições para a Assembléia Constituinte, em 15 de novembro de 1890. Recém-casado, volta-se para a vida em família e o trabalho intelectual. Em começos de 1891, o amigo Rodolfo Dantas funda o *Jornal do Brasil*, onde ele colabora regularmente. Em 1896, publica o seu livro mais importante, *Um Estadista no Império*. Por esse tempo, já cultiva um olhar nostálgico sobre a sua vida política, na qual ele percebe que a luta antiescravista constitui, e sem nenhuma dúvida se tornará com o passar dos anos, o ponto culminante. É assim que, em *Minha Formação* (1900), ele viria a escrever:

E no dia que a escravidão foi abolida, senti distintamente que um dos mais absolutos desinteresses de que o coração se tenha mostrado capaz não encontraria mais as condições que o tornaram possível.

Entre Rui Barbosa e a República logo se estabeleceu um casamento de razão. Ao novo regime servia o apoio de uma das figuras públicas mais prestigiosas e respeitadas da época. Quanto a Rui, no dizer de um seu biógrafo, “deslumbrado pela perspectiva de ação, convicto de ter chegado a sua oportunidade, [...] todas as energias se concentraram num desejo impaciente de reformas”.⁴ Desembaraçado das resistências dos velhos setores conservadores, forte de um novo poder, ele vislumbrava finalmente, por exemplo, a possibilidade de estabelecer o federalismo, que julgava imprescindível a um país com as nossas características. Torna-se, portanto, desde o início republicano, uma personagem central do processo político. Foi vice-presidente do governo provisório, ministro da

³ Na sua *Resposta às Mensagens de Recife e Nazaré* (1890), Nabuco escreveu: “Aos dois compromissos da minha carreira pública – a emancipação do povo e a emancipação das províncias – guardo a fidelidade das manifestações morais espontâneas. Sou entretanto forçado a pedir-vos que me dispenseis de associar-me à fundação da República, porque me considero para isso política e moralmente impróprio”. Carolina Nabuco, *op. cit.*, p. 265.

⁴ Cf. Luís Viana Filho, *Três Estadistas: Rui – Nabuco – Rio Branco*. Rio de Janeiro: Livraria José Olympio Editora/ INL-MEC, 1981, p.178.



Rui e Nabuco se conheceram aos 19 anos, quando estudantes da Faculdade de Direito de São Paulo. Juntos participaram do Ateneu Paulistano, instituição político-cultural dos acadêmicos, cuja presidência Nabuco transmitiria a Rui, ao se transferir para Recife em 1869.



1. Rui Barbosa e colegas da Faculdade.

2. Joaquim Nabuco, 1868.

3. Faculdade de Direito de São Paulo, cartão-postal.



4. A Questão da Guiana. Joaquim Nabuco, Graça Aranha e Magalhães de Azereado, em Roma, em 1904, enquanto aguardam o laudo arbitral do rei Vítor Emanuel da Itália.

Fazenda (e ministro da Justiça, interinamente), redigiu a primeira Constituição republicana (1891), elegeu-se senador pela Bahia (1890).

As sucessivas violações, por parte dos novos governantes, sobretudo durante a presidência de Floriano Peixoto, da legalidade e dos preceitos liberais aos quais permanecia fiel, levaram-no a frequentes divergências com o poder estabelecido e, finalmente, a um breve período de exílio na Argentina (1893) e na Inglaterra (1894), por ocasião da Revolta da Armada (1893). Volta ao Brasil depois da morte de Floriano⁵ e durante o governo de Prudente de Moraes. Em agosto de 1895, reassume o seu lugar no Senado, onde ainda se encontra em 1899, data em que realmente começa a sua correspondência com Joaquim Nabuco⁶.

“Eu quero viver até o fim monarquista, mas quero morrer reconciliado com os novos destinos do meu país”, confessa Nabuco em notas de 1898, transcritas por sua filha Carolina⁷. E, um pouco mais tarde: “Guardei o luto da Monarquia por dez anos. Pareceu-me bastante”. No governo Campos Sales surgia a oportunidade para que enfim se decidisse a deixar “o refúgio meditativo da religião e das letras” como Rui Barbosa viria a escrever, logo mais, a seu respeito (documento 4). A ocasião apareceu com a notícia de que a velha disputa entre a Grã-Bretanha e o Brasil, a respeito dos limites da Guiana Inglesa, ia ser resolvida por arbitramento.

Relembrando o episódio, anos depois⁸, Tobias Monteiro dizia que “Nabuco só poderia entrar para o serviço público por uma larga porta do patriotismo, pela qual pudessem passar os seus escrúpulos políticos. Tratava-se de defender o território... nem Nabuco aceitaria uma missão ordinária, mero emprego”. Ainda segundo Tobias Monteiro, que se empenhara junto a Campos Sales⁹ para que ele obtivesse a missão de representante brasileiro na *Questão da Guiana*, Nabuco concordou que “não havia incompatibilidade entre as suas idéias políticas e uma missão dessa natureza”. Em março de 1899, ele aceita formalmente o convite do governo, numa carta ao ministro do Exterior¹⁰, em que ressalva “as suas conhecidas idéias monarquistas”.

Na ocasião, Rui Barbosa aplaudiu publicamente a iniciativa do governo que, passando por cima do partidarismo, reconquistara para o serviço do país “uma força em que, aos olhos dos seus condis-

⁵ 29 de junho de 1895.

⁶ Antes disso, localizamos duas correspondências, documentos 1 e 2, e o convite de casamento de Nabuco, documento 3.

⁷ Cf. Carolina Nabuco, *op. cit.*, p. 319.

⁸ *O Jornal*, 21 de junho de 1922. Carolina Nabuco, *op. cit.*, p. 322.

⁹ Campos Sales, ao ouvir a sugestão de Tobias Monteiro, teria dito: “Arranje você isso que merecerá uma medalha de ouro”. Luís Viana, *op. cit.*, p. 599.

¹⁰ Carta dirigida a Olinto Magalhães, ministro das Relações Exteriores, de 5 de março de 1899. *Apud* Carolina Nabuco, *op. cit.* p. 323.

cíbulos, dos seus amigos, dos seus conterrâneos, sempre se enxergou uma das reservas preciosas do nosso porvir”.

Tocado pelo artigo, intitulado “A Missão Nabuco”¹¹, Joaquim Nabuco, antes de partir em missão a Londres, escreve ao antigo camarada (documento 4):

É-me grato depois de tanto tempo de separação ter que lhe agradecer o seu artigo de ontem, repassado da velha camaradagem que nos ligou desde a adolescência, quando fazíamos parte do mesmo bando liberal da Academia. [...] Não aceitei o encargo que me era oferecido sem grave relutância e constrangimento, nem sem ter procurado de diversos modos afastar de mim o cálice. É para mim com efeito um penoso sacrifício e um grave compromisso esse de embrenhar-me intelectualmente durante anos pelo Tacutu e Ruḡununi...

Em uma referência aos monarquistas, seus correligionários, que o tratavam de desertor, “que levava consigo as armas de sua fúlgida inteligência”¹², ele acrescenta, na mesma carta:

[...] A Monarquia só poderia voltar com vantagem para o país se os monarquistas se mostrassem mais patriotas do que os republicanos. Eu, pelo menos, é em um duelo de patriotismo que queria ver a causa nobre e justamente decidida. Creia-me muito sinceramente convencido do que pratiquei. À custa do maior dos sacrifícios, o de expor-me ao juízo dos fariseus e dos publicanos,[...] mostro que, se morrer amanhã, não levo para o túmulo somente um espírito monarquista e liberal, levo também um coração brasileiro.

¹¹ “A Missão Nabuco”, *A Imprensa*, 13 de março de 1899.

¹² *Comércio de São Paulo*, abril de 1899. *Apud* Carolina Nabuco, *op. cit.*, pp. 324-325.

FINAL DA QUESTÃO DA GUIANA E A TERCEIRA CONFERÊNCIA PAN-AMERICANA

A questão de limites com a então Guiana Inglesa durou de março de 1899 até 14 de junho de 1904, quando o rei Victor Emanuel, da Itália, árbitro na disputa, deu o seu laudo arbitral, dividindo o território disputado em duas partes – 3/5 para a Grã-Bretanha e 2/5 para o Brasil – o que foi considerado por todos, inclusive por Nabuco, uma derrota para o Brasil. Luís Viana¹³ assinala que [Rio Branco] “logo concebeu hábil plano, que consistia na criação, em Washington, da primeira embaixada do Brasil, com que se premiaria o advogado vencido.” Criada, em 1905, a Embaixada do Brasil em Washington, Nabuco foi nomeado embaixador, apresentando suas credenciais ao presidente Theodore Roosevelt, a 25 de maio.

A principal tarefa política de Nabuco, no seu primeiro ano na Embaixada, foi trabalhar na preparação da Terceira Conferência Pan-Americana que iria ser, graças em parte aos seus esforços, convocada para o Rio de Janeiro, em julho de 1906¹⁴. Theodore Roosevelt reanimara a doutrina Monroe e Elihu Root fizera do pan-americanismo um dos elementos da sua política à frente do Departamento de Estado. Tendo consolidado a sua posição na América Central, sobretudo depois da independência de Cuba¹⁵, conquistada com o seu apoio, e da concessão do Canal do Panamá¹⁶, os Estados Unidos procuravam ampliar a sua influência por toda a América Latina.

As reuniões preparatórias da Conferência realizaram-se em Washington, no segundo semestre de 1905, entre os representantes diplomáticos das 21 nações e o Secretário de Estado dos Estados Unidos, Elihu Root. A escolha do lugar onde ela se realizaria foi motivo de disputas: a Argentina e a Venezuela também pleiteavam a honraria. Mas o nome do Brasil, proposto pelo delegado da Costa Rica, apoiado pelo Chile e tendo a simpatia dos Estados Unidos, foi finalmente o escolhido. Tornara-se mesmo corrente que essa preferência

¹³ Cf. Luís Viana Filho, *op. cit.*, p. 686.

¹⁴ A primeira e a segunda Conferências tiveram lugar em Washington (outubro de 1889) e México (outubro de 1901), respectivamente.

¹⁵ A independência de Cuba foi obtida depois de uma rápida guerra entre os E.U.A. e a Espanha. Pelo tratado de Paris (1898), a Espanha renunciou a seus direitos sobre Cuba, que se tornou uma república. Os E.U.A. governaram a ilha até 1902 e conservaram o direito de controlá-la até 1934.

¹⁶ Depois da independência da República do Panamá (1903), durante a administração Roosevelt, foi cedida uma faixa de seu território, a zona do Canal (1.676 km²) arrendada em caráter perpétuo aos E.U.A. Estes prosseguiram os trabalhos (1904), que só foram concluídos em 1914. Graças ao canal, foi encurtado o trajeto marítimo entre o Atlântico e o Pacífico.



1. Delegados à III Conferência Pan-Americana e o engenheiro Coronel Francisco de Sousa Aguiar nas escadarias do Palácio recém-inaugurado.

A construção, projetada como pavilhão brasileiro na Exposição Internacional de Saint Louis, de 1904, onde mereceu o "Grande Prêmio – Medalha de Ouro", foi transferida para o Rio de Janeiro e ocupou uma área nobre da nascente Avenida Central.

Foto Marc Ferrez.



2. O Pavilhão St. Louis foi denominado Palácio Monroe por sugestão de Joaquim Nabuco ao Barão do Rio Branco, em homenagem ao presidente dos Estados Unidos, que pregara a união continental.

Sede de diversas repartições públicas, em especial o Senado Federal, no período de 1925 até a sua transferência para Brasília, o Palácio foi demolido em 1976.



3. O Barão do Rio Branco, ministro das Relações Exteriores.

4. Elibu Root, Secretário de Estado dos Estados Unidos.

americana muito devia à amizade que Nabuco havia estabelecido com Root, um ex-professor universitário, que “amava os clássicos e conhecia o latim perfeitamente bem”.¹⁷

Aparentemente, a proximidade entre os dois diplomatas foi instrumental para a vinda do Secretário americano à Conferência. Às vésperas dessa última, no dia 29 de junho de 1906, Nabuco anota no seu diário:

Jantar com o Presidente¹⁸ ... me disse que se eu não tivesse vindo a Washington, Mr. Root não iria ao Brasil porque a resolução dele de ir proveio da impressão que causei nele.

Pela primeira vez um Secretário de Estado saía dos Estados Unidos em visita oficial, o que, naturalmente, só fortaleceria o empenho de Nabuco em dar a maior repercussão à Conferência. Preocupado com a recusa de Rui em participar do encontro como membro da delegação brasileira, envia-lhe correspondência (documentos 6 e 8) fazendo um apelo para que este saudasse oficialmente o representante americano. Após alguma relutância (documento 7), Rui Barbosa aceitou, e pronunciou discurso de homenagem a Elihu Root no Senado, na qualidade de vice-presidente da Casa¹⁹.

Seguindo prática consagrada nos encontros internacionais, os problemas que pudessem trazer polêmicas irreconciliáveis haviam sido afastados da Conferência, desde as reuniões preparatórias. Foi assim com a questão territorial entre o Chile e o Peru²⁰ e outras mais, de repercussão global, pelas quais se batia, sobretudo, a Argentina: o arbitramento obrigatório, a livre navegação fluvial e a célebre doutrina Drago²¹, contra a intervenção armada para a cobrança de dívidas entre estados. Essas últimas foram remetidas à Segunda Conferência de Paz, que deveria se reunir, no ano seguinte, em Haia, evitando-se dessa maneira que o encontro no Rio se transformasse em palco das divisões entre países americanos. Aplainadas as diferenças, a Terceira Conferência correu em clima de serenidade e trabalho profícuo. Joaquim Nabuco, na presidência,

¹⁷ Luís Viana, *op. cit.*, p. 698.

¹⁸ Theodore Roosevelt.

¹⁹ Cf. “Saudação ao Sr. Elihu Root, Secretário de Estado dos Estados Unidos da América”, sessão em 2 de agosto de 1906. *Obras Completas de Rui Barbosa*. Vol. XXXIII, 1906, tomo I, pp. 65-74; e Anexo nº V, “Tradução dos discursos de Alfredo Ellis e Elihu Root”, *ibid.*, pp.253-266.

²⁰ Por causa do território de Tacna e Arica.

²¹ Em 1902, Grã-Bretanha, Alemanha e Itália, impacientes com a inadimplência de certas obrigações, bloquearam os principais portos da Venezuela, procurando constranger aquele país a providenciar o pagamento dos seus débitos. Naturalmente, muitos na América Latina viram naquela iniciativa uma ameaça ao instituto da soberania e ao princípio da inviolabilidade hemisférica, preceito que datava da doutrina Monroe. Na ocasião, manifestou-se o ministro do Exterior da Argentina, Luís M. Drago. Em nota ao governo americano, ele argumentava que empréstimos ou obrigações assumidas por um país, entidade soberana, não davam ao credor direito de cobrar a dívida por processo executivo ou sumário. As observações do ministro argentino ficaram sendo conhecidas como Doutrina Drago.

pôde apresentar um relatório final em que se sublinhava o consenso e o conagraçamento geral.²²

A volta de Nabuco ao Brasil, após quase sete anos de ausência na sua missão européia e em Washington, foi também marcada pela reaproximação com os antigos companheiros abolicionistas, quase sempre republicanos e dos quais ele se encontrava afastado pela sua defesa da monarquia.

Desde o Recife, por onde passou vindo dos E.U.A., começaram as manifestações de homenagem: uma grande multidão, na qual estavam representados velhos abolicionistas como José Mariano, veio recepcioná-lo no cais da Lingüeta. No Teatro Santa Isabel, palco da sua campanha antiescravista, ele pronuncia o discurso cujo inicio ficou celebrizado: “Aqui nós ganhamos a causa da abolição.”

Por sua vez, os monarquistas, inconformados com a atitude conciliatória do correligionário para com o novo regime, moviam uma campanha na imprensa contra Nabuco.

Nada na vida pública requer tanta coragem como o mudar de um campo político. A excomunhão passou da religião para a política e hoje existe somente nesta. Mudar de fé, de Deus, pouco importa; a apostasia é somente mudar de partido. Mas, graças a Deus, eu nunca cedi ao medo baixo de ser sincero e nunca me inspirei no que para mim não conta intelectual e politicamente.

É o que o embaixador na Inglaterra escreveria ao seu amigo Rui Barbosa, logo da sua chegada no Rio de Janeiro (documento 8), referindo-se aos ataques que sofria. Pouco antes, ele havia feito um discurso no Cassino Fluminense em que elogiava Quintino Bocaiúva, republicano histórico, “porque [previra] melhor o curso dos acontecimentos e o verdadeiro desenlace da abolição”

Quanto a Rui, feliz com o rumo tomado pelo antigo condiscípulo, correligionário de liberalismo e companheiro de campanha abolicionista, saúda a aproximação (documento 7):

Quanto ao seu discurso, um só pesar tenho: o de o não ter ouvido. Ainda bem que, afinal, o temos, declaradamente, entre nós, onde a sua ausência era uma sensível lacuna.

²² Reafirmou-se, por exemplo, o “princípio do arbitramento” e criaram-se organismos como a Comissão dos Jurisconsultos, tendo por sede o Rio de Janeiro, “encarregada de preparar um Código do Direito Internacional Público e outro de Direito Internacional Privado, que regulem as relações entre os países da América.”

EM TORNO DE HAIA

No início de 1907, a comunidade internacional começava a se preparar para a Segunda Conferência da Paz, que se realizou entre 15 de junho e 18 de outubro daquele ano, em Haia²³. Forte da sua atuação na Conferência Pan-Americana, o nome de Joaquim Nabuco estava sendo cogitado para conduzir a delegação brasileira. O Barão do Rio Branco chegou a convidá-lo, mas inesperadamente voltou-se para o nome de Rui, então vice-presidente do Senado. O episódio causou comoção entre os amigos de Nabuco e um movimento de cartas²⁴ e de noticiário estimulava a cizânia entre os dois amigos.

No entanto, os dois se empenharam em desfazer o possível desentendimento. Consultado por Rui, Nabuco diz-se impossibilitado, por razões de saúde, de participar da Conferência. Em 1º de abril de 1907, Rui dirige-se a Rio Branco aceitando a posição oferecida. No dia seguinte, telegrafa a Nabuco (documento 14):

Aceitei Haia contando sua companhia.

Abraços. Rui

Ao que o outro responde (documento 15):

Saúde obriga-me declinar, mas estarei em pensamento seu lado, orgulhoso ver Brasil assim representado entre nações. Muitos muitos parabéns. Nabuco

Nabuco tenta afastar-se de cena, licenciando-se para “tratamento de saúde” na Europa, mas, em um arremate habilidoso, Rio Branco convida-o a ir em viagem de trabalho para compor um ambiente favorável à delegação brasileira em Haia²⁵. No mês de junho, os dois amigos já se encontram em

²³ Foram duas as Conferências da Paz, que tiveram lugar em Haia, provocadas ambas pelo Czar Nicolau II, sob os auspícios do governo da Holanda. A primeira realizou-se entre 18 de maio e 25 de agosto de 1899. O Brasil, ainda que convidado, não compareceu a essa primeira reunião, alegando dificuldades internas (Cf. Pedro Penner da Cunha, *A Diplomacia da Paz*. Rio de Janeiro: Fundação Casa de Rui Barbosa, 1977, p. 9) Procurava-se, desde então, encontrar mecanismos internacionais que favorecessem a negociação e o entendimento entre as nações. Esse processo resultaria, em 1919, na criação da Liga das Nações.

²⁴ Notadamente de Hilário de Gouveia, cunhado de Nabuco, e de Graça Aranha, diplomata (Cf. Luís Viana, *op. cit.*, p. 733).

²⁵ Cf. Luís Viana, *op. cit.*, p. 735.



1. *Delegação Brasileira na Segunda Conferência da Paz. Da esquerda para a direita, em pé: Antônio Batista Pereira, José Rodrigues Alves, Rodrigo Otávio de Langgaard Meneses, Artur de Carvalho Moreira, Abelardo Roças, Leopoldo de Magalhães Castro, Fernando Gustavo Dobbert. Sentados: Tancredo B. de Moura, Eduardo F. R. dos Santos Lisboa, Rui Barbosa, Roberto Trompowsky Leitão de Almeida e Carlos Lemgruber Kropf.*



2. *Papel timbrado do Palace Hotel, em Scheveningen, onde se hospedou a delegação brasileira.*



3. *Palácio Binnenhof, sede da Conferência da Paz.*

4. *Bosques de Scheveningen.*



Paris. No dia 13, Nabuco envia a Rui um documento, *Notas Confidenciais* (documento 18), onde traça um perfil detalhado dos delegados à Conferência e do movimento das tendências entre as delegações. A partir de então, segue-se, entre os dois, uma série de comunicados sobre o desenrolar dos debates e decisões.

Conferências de paz, como observa Penner da Cunha²⁶, lidam frequentemente com problemas de guerra. A Primeira Conferência da Paz já havia deliberado sobre a limitação dos armamentos e das leis e costumes da guerra. Adiou a discussão da “Convenção I para a solução pacífica dos conflitos” em que se recomendava a criação de um tribunal permanente de arbitragem. Sobre essa questão, na Segunda Conferência, vão concentrar-se os esforços de Rui²⁷. É sobretudo durante a discussão sobre a composição e competência desse tribunal, quando ele se bate pelo princípio da igualdade entre as nações nos fóruns internacionais, que nasce a notoriedade da sua atuação em Haia.

As divergências começaram nos debates sobre o Tribunal de Presas²⁸. Tratava-se de estabelecer uma jurisdição internacional que decidisse sobre o destino a ser dado às presas de guerra. A preocupação da delegação brasileira era que o sistema de representação adotado para este tribunal influenciasse o sistema de representação a ser aprovado para o Tribunal de Arbitragem²⁹.

O projeto, vitorioso, de criação do Tribunal de Presas³⁰ apresentava um ponto contencioso, a que se opôs, inutilmente, o Brasil. O Tribunal seria dividido em dois grupos, um constituído por Alemanha, Áustria-Hungria, Estados Unidos, França, Grã-Bretanha, Itália, Japão e Rússia³¹, cujos juízes exerceriam um mandato permanente. O outro grupo, composto pelos demais países, escalonados em classes, teriam juízes com mandatos variando de quatro anos para juiz e suplente até um ano para suplente apenas³². Em carta a Rui (documento 22), Nabuco faz um comentário sobre essa composição:

²⁶ *Op. cit.*, p. 10.

²⁷ Devido às suas credenciais de embaixador, título relativamente raro nos certames internacionais de então, Rui Barbosa foi eleito presidente de honra da Comissão I da Conferência, encarregada de debater as questões de Arbitragem, Comissões de Inquérito, Cortes, etc.

²⁸ Tratava-se de estabelecer uma jurisdição internacional que decidisse sobre o destino a ser dado às presas de guerra. Em telegrama ao Ministério de Relações Exteriores (13 de agosto de 1907), Rui Barbosa comenta: “tribunal constituído momento guerra sob influência paixões ocasião não ofereceria caráter jurídico imparcialidade.” (Cf. Penner da Cunha, *op. cit.*, p. 19.)

²⁹ Em telegrama a Rio Branco (14 de agosto de 1907), Rui adverte: “a questão importante para nós é como V. Ex.^a diz a da organização do Tribunal Permanente de Arbitramento, [mas] como classificação nações para Tribunal [de Presas] pode influir classificação [para o] Arbitral creio não seria inútil mostrar particularmente às delegações organizadoras do projeto que Brasil deve ficar com países que dão por dois anos um juiz e um suplente.” (Cf. Penner da Cunha, *op. cit.*, pp. 20-21.)

³⁰ Uma proposta da Alemanha e da Grã-Bretanha.

³¹ Ou seja, nações detentoras de frotas marítimas de 800.000 toneladas ou mais.

Simpatizo muito com a delicada situação em que V. se vê, forçado a combater por melindre nacional o acordo a que chegaram as grandes Potências sobre o Tribunal das Presas e espero que seja possível uma transação que o satisfaça. Compreendo que sua oposição nesse ponto foi sobretudo de princípio, com medo, ou na previsão, de que, votado sem reparos o sistema da “rotação” para as Presas, se torne inevitável a ampliação dele ao Tribunal Arbitral. Ora neste as grandes Potências não são mais interessadas do que as menores, elas podem ter maior tonelagem, mas não têm mais litígios. O sistema da rotação é a mais pobre invenção que tenho visto, sobretudo tendo-se que classificar as nações em seis categorias. Aplicar esse sistema à justiça da paz, como se o quis aplicar à da guerra, me parece, como V. bem diz, um retrocesso relativamente ao que foi deliberado na primeira conferência.

Vale notar que, embora vitorioso o projeto, o Tribunal de Presas nunca chegou a ser instalado.

Ao entrar em discussão o Tribunal de Arbitragem, Rui Barbosa volta a se bater pela igualdade entre os Estados participantes, notadamente no que diz respeito à composição do tribunal, como já havia sido antecipado pela representação brasileira.

A proposta conjunta anglo-germânico-americana previa uma instituição com dezessete membros, de países escolhidos com base na população. A Alemanha, os Estados Unidos da América, a Áustria-Hungria, a França, a Grã-Bretanha, a Itália, o Japão e a Rússia designariam, cada um, um juiz permanente³³. Os demais países seriam representados por grupos, cabendo à América Latina um só representante; ou seja, feria-se o princípio de igualdade e o Brasil ainda corria o risco de não ter assento no tribunal.

A posição brasileira distinguia-se por defender o princípio de igualdade absoluta tanto de direito quanto do seu exercício. Haveria tantos juízes quantos Estados. O tribunal teria, portanto, 46 juízes, divididos em ordem alfabética, em três grupos, com mandato de três anos.³⁴ Ficaria ao arbítrio das partes litigantes submeterem as suas questões ao plenário do Tribunal ou apenas à apreciação dos juízes por elas escolhidos.

A tenacidade e a obstinação de Rui em defesa do princípio de igualdade entre os participantes da Conferência, apoiadas pelo governo brasileiro, conseguiram atrair outras delegações e trazer o impasse

³² Cf. Penner da Cunha, *op. cit.*, p. 20.

³³ Ou melhor, enquanto durasse a Convenção I para a solução pacífica dos conflitos.

³⁴ James Brown Scott, *The Proceedings of the Hague Peace Conference*, Volume II, The Proceedings of the First Commission. New York: Oxford University Press, p. 45. Citado por Penner da Cunha, *op. cit.*, pp. 43-44.

³⁵ Revista dedicada a apreciar os acontecimentos da II Conferência da Paz. William Stead era o diretor.

à reunião. Em 6 de setembro de 1907, ele telegrafava a Nabuco o seu contentamento (documento 23):

Acumulação contínua trabalhos tem-me impedido responder sua afetuosa carta motivo ainda maior satisfação para mim por ver nossa conformidade idéias questão atual situação cada vez mais delicada projeto americano sistema desigualdade composição corte caiu vencido pelo princípio afirmado por nós com apoio conhecido quase unanimidade nações latino-americanas. Todavia persistem novas tentativas forcer-nos mas nosso Governo inabalavelmente resolvido resistir.

Diante da falta de consenso, criou-se um grupo para examinar possíveis soluções. Foi cognominado por William Stead, nos seus artigos do *Courrier de la Conférence*³⁵, de grupo dos “Sete Sábios”. Faziam parte dele Léon Bourgeois, Rui Barbosa, Tornielli, Joseph H. Choate, Marschall von Bierberstein, Mérey Von Kapos-Mère e Nelidow³⁶. Mais tarde, por sugestão de Rui Barbosa, o representante inglês, Sir Edward Fry, veio também a integrá-lo.

Os propósitos de conciliação, no que concernia às regras de composição do Tribunal de Arbitragem, não foram satisfeitos. O grupo, no entanto, chegou às seguintes conclusões: eliminação da proposta anglo-germânico-americana; afirmação do princípio de igualdade entre os Estados, considerado inviolável; rejeição do sistema de rotação dos juízes. É fácil de compreender o entusiasmo de Rui, telegrafando a Rio Branco: “essas três resoluções constituem três grandes vitórias nós”³⁷.

Sem um acordo sobre a sua composição, frustrava-se a criação do tribunal e a Conferência estava fadada ao fracasso. Para evitar um final patético, Sir Edward Fry propõe uma declaração sobre o Tribunal de Arbitragem. A Conferência reafirmaria a necessidade do tribunal, “deixando de lado as disposições relativas à nomeação dos juízes e rotação a estabelecer entre eles.” A delegação americana aceita esta fórmula e Rui, também conciliatório, telegrafa a Rio Branco: “Não tenho amor-próprio em assuntos desta natureza e desejo que o governo aja livremente, atendendo só à conveniência nacional.”³⁸

No dia 9 de outubro, Rui aceita a proposta de Fry. No dia 20 do mesmo mês, pronuncia o seu último discurso em Haia, no qual relata e justifica a atitude tomada na Conferência. Logo depois, telegrafa a Nabuco (documento 32):

Fimda minba missão parto Paris.

Abraço afetosamente caro amigo, agradeço lembrança livros.

Rui

³⁶ Representantes, respectivamente, da França, Brasil, Itália, Estados Unidos, Alemanha, Áustria-Hungria e Rússia.

³⁷ Telegrama de 7 de setembro de 1907, citado por Penner da Cunha, *op. cit.*, p. 48.

³⁸ Cf. Luís Viana, *op. cit.*, p. 309. Telegrama de 8 de outubro de 1907.



1. O primeiro banquete oferecido pela delegação brasileira foi à delegação dos Estados Unidos, em 8 de agosto de 1907, nos salões do Palace Hotel, decorados com plantas e flores. Ao fundo, o símbolo da República brasileira e um desenho da Estátua da Liberdade.

2. Menu do banquete, que traz as bandeiras do Brasil e dos Estados Unidos entrelaçadas.

3. Prédio do Silogeu, onde se instalou de 1905 a 1923 a Academia Brasileira de Letras, que teve Rui e Nabuco entre os seus fundadores.

4. Rui em sua biblioteca. Foto de Fitz Gerald, 1913.

5. Joaquim Nabuco, embaixador em Washington, com o capelo e a beca de Doutor Honoris Causa de Direito da Universidade de Colúmbia, 1906.



REFLEXOS DE HAIA. ÚLTIMAS CARTAS

De Washington, assistindo aos embates entre Rui e a delegação americana em Haia, Nabuco temia pelo futuro das relações entre o Brasil e os Estados Unidos. Em carta a um amigo ele faz parte dessa preocupação:

Já se tem gritado tanto – ‘a derrota’ do Drago³⁹ pelo Rui: e vão gritar agora a dos Estados Unidos! O Rui tem feito o mais brilhante papel, mas ele é o primeiro a não querer que reste da Conferência o menor ressentimento entre nós e as outras nações, sobretudo entre nós e os Estados Unidos.⁴⁰

Na verdade, Rui não tardaria a lhe dar satisfação. Poucos dias depois dessa carta, Nabuco receberia um telegrama (em 22 de setembro de 1907) do chefe da delegação brasileira na Conferência explicando-lhe que a diferença com os americanos se resumia à questão da composição do Tribunal de Presas e do Tribunal de Arbitramento. Mesmo assim, o embaixador manifesta as suas dúvidas quanto ao princípio da igualdade das nações nos fóruns internacionais (documento 33):

Meu desejo é que o recebam pelo brilho e culminância intelectual que V. deu à representação do Brasil entre as nações, mas que o não queiram identificar, encarnando-o em V., com o princípio da igualdade absoluta de todos os Estados nas fundações internacionais. Quase não tenho coragem por causa dele de ir ao nosso Bureau⁴¹ onde a ilha de Haiti vale mais do que o Brasil, anula o nosso voto com as suas duas republiquetas. Eu sei que V. pensa como eu. A nossa política na Haia foi toda de ocasião, em defesa própria, para evitar que nos amesquinhassem, mas desde que pensam em engrandecer-nos não devemos dizer que não entramos onde não entram também S. Domingos e Haiti. Tudo que devemos apurar da Conferência, e de que nos devemos orgulhar, é a reputação de alta cultura que V. criou para o Brasil. Esse é o grande resultado dela para nós e por ele serão poucas todas as manifestações que lhe fizerem os Brasileiros. Demais na sua atitude, na sua veemência, no seu gesto,

³⁹ Ver nota 21, sobre a Doutrina Drago.

⁴⁰ Cf. carta a Silvino Gurgel do Amaral, 6 de setembro de 1907. *Apud* Luís Viana, *op. cit.*, p. 738.

⁴¹ Bureau das Repúblicas Americanas.

V. mostrou bem que se sentia o representante de uma grande nação e que queria que a tratassem como tal. Essa alma é incompatível com o princípio de que não há diferenças.

Nas cartas que se seguem é notável a preocupação com as repercussões de Haia nos Estados Unidos. Envia notícias saídas na imprensa americana: “Mando-lhe um número do *Independent* de Nova Iorque em que é traduzido com as mais honrosas referências um dos seus grandes discursos da Haia...” (documento 35). Transmite elogios à atuação de Rui: “[...] e acontece que o *Reporter* do Tribunal, Mr. Butler, foi também delegado a Haia e ao mandar-ma pede-me que o recomende à sua melhor lembrança, manifestando a mais alta admiração por você” (documento 34); “O ministro da Dinamarca dizia-me uma vez: “C’était très intéressant d’entendre M. Rui Barbosa. O Encarregado da Holanda disse ao Amaral que na Conferência houve três homens: V., o Barão von (*sic*) Marschall e o Bourgeois” (documento 37).

Preocupa-se porque Rui não aceitou um convite de Yale para dar a aula inaugural de 1908: “Mr. Root sentiu muito não ter você podido aceitar o convite de Yale” (documento 34). Mais de um ano depois, ainda se refere ao fato: “Eu penso que V. não apreciou bastante a honra que lhe fez Yale” (documento 43). Pouco tempo antes, Nabuco dera-lhe conta de conferências sobre Camões e sobre o Brasil (documento 37) que ele havia proferido naquela Universidade.

No Brasil, Rui Barbosa reassume o seu lugar de vice-presidente do Senado e recomeça os seus trabalhos na preparação do Código Civil (documento 38). Solicita ao amigo livros e subsídios para a sua tarefa. Os dois fazem breves comentários sobre autores e obras conhecidas, demonstrando o interesse comum pela nação e instituições norte-americanas (documentos 39, 40, 41 e 42). Em 25 de maio de 1909, Rui apresenta ao seu amigo em Washington um jovem estudante:

Não te serei, pois, impertinente, recomendando ao teu gasalhado e proteção o jovem paulista Álvaro de Macedo, filho do tabelião Claro de Macedo.[...] Vai ele aí cursar engenbaria. Recebe-o à tua boa sombra, e deixa-o admirar de perto, mais feliz que o teu velbo amigo
Rui Barbosa

É a última carta. Joaquim Nabuco faleceu em Washington, como embaixador, em 17 de janeiro de 1910, treze anos antes de Rui⁴².

⁴² 1º de março de 1923.

CORRESPONDÊNCIA

Rio, 16 de fevereiro 1887.

Meu caro Rui,

Sem tempo para ir dar-lhe um abraço de despedida, escrevo-lhe estas duas linhas. Ninguém melhor do que V. pode compreender, se me leu hoje⁴³, a dor com que eu os deixo⁴⁴. Mas quem vive da imprensa por exclusão de todas as outras profissões⁴⁵, tem uma vida que não lhe pertence e que se move segundo a corrente mais forte da necessidade. Breve espero que estaremos juntos.

Todo seu

Joaquim Nabuco

⁴³ Nabuco refere-se a um artigo publicado em *O País* (16 de fevereiro de 1887), em que demonstra alegria pelas manifestações de solidariedade e apoio à sua luta:

De todos os pontos do país recebi, no ardor da luta, demonstrações desse gênero, as quais são por certo a maior recompensa que eu podia aspirar...

Em tais condições encontrar apoio e simpatia é um sentimento tão consolador, como era para o excomungado antigo descobrir, no meio do fanatismo geral, uma alma tolerante que lhe dava pão e água. (Carolina Nabuco, op. cit., p.199)

⁴⁴ Nabuco seguia para Recife, onde, segundo anota no seu diário, desenvolve intensa atividade de propaganda abolicionista durante todo o mês de março:

6 de março: Duas cartas de liberdade prometidas.

10 de março: Recepção em Gameleira e Palmares.

11 de março: Em Japaranduba. Discurso ao povo de Palmares. Conheci capitão Inácio Mateus de Almeida, abolicionista heróico, o simpático e firme Manuel Falcão, o matuto João Pereira, que juntou conosco de pés no chão perguntando-me por isso qual a diferença entre condição e circunstância.

12 de março: Recepção na Escada. Almoçamos com o capitão Deodato Monteiro, que brinda “às três maiores capacidades do universo: Tobias, José Mariano e Nabuco” e é obrigado a alforriar os escravos por nos ter hospedado. Alforriamos, por subscrição, uma escrava, Delfina, de uma cega que ela sustentava e da qual não queria fugir. Mais filha dela do que o filho que a não queria libertar.

15 de março: Levamos, José Mariano e eu, um escravo seviciado do coronel Pedro Osório de Cerqueira, ao presidente para que o veja.

19 de março: Volto para o Recife. Escravos seguem-nos à estação, diversos fogem depois.

21 de março: Vêm quase todos os amigos à Lingüeta (porto). Embarco no *Gironde*. Sinto o vazio em torno de mim. É muito difícil passar de uma vida como tive este ultimo mês para a quietação absoluta de bordo.

Antes da sua partida, Nabuco fundara a Sociedade Pernambucana contra a Escravidão. (Cf. Carolina Nabuco, *op. cit.*, p. 205)

⁴⁵ Em 15 de janeiro de 1886, Nabuco havia sido derrotado nas eleições para a Câmara dos Deputados ao tentar eleger-se pelo Recife. Dedicou-se ao jornalismo escrevendo uma série de opúsculos em favor da abolição e onde faz sérias críticas à Monarquia e ao governo. (Cf. *O erro do Imperador, O eclipse do abolicionismo e Eleições liberais e eleições conservadoras*, publicados em 1886). A propósito desse período, Carolina Nabuco escreveu (*op. cit.*, p.198): “Só agora (1886), porém, o jornalismo passava para o primeiro plano de sua atividade.”

68, Flamengo

[Rio de Janeiro], 15 de janeiro 89.

Meu caro Rui,

Falei-lhe uma vez de uns trabalhos de seu Pai⁴⁶ que eu possuía e que lhe ia mandar. Demorei muito o cumprimento da promessa, mas como V. vê não me esqueci.

Aí vão.

Todo seu

Joaquim Nabuco

⁴⁶ João José Barbosa de Oliveira (1818-1874), pai de Rui, era médico e político atuante na Província da Bahia. Ainda estudante, envolveu-se na Sabinada, revolta que irrompeu na Bahia (7 de novembro de 1837 - março de 1838), chefiada por Francisco Sabino Álvares da Rocha Vieira, cuja finalidade era separar a Província do governo regencial, instaurando ali uma república provisória, enquanto durasse a menoridade do Imperador Dom Pedro II. Com a derrota do movimento, João Barbosa foi preso, processado e depois absolvido. Ingressa na política eleitoral, e ajudado por um primo e futuro cunhado, Luís Antônio Barbosa, liberal influente, também preso e absolvido na revolta de 1837, elege-se deputado provincial em 1843. Não consegue a reeleição (1849). A composição entre os liberais e os conservadores dissidentes no poder, em 1862, possibilita o seu retorno político como deputado-geral (1863), posição que ocupa até 1868, quando caem os liberais. Nesse entretempo, os antagonismos da política provincial levaram-no a romper com o cunhado Luís Antônio e a aliar-se a Manuel Dantas e a Saraiva (José Antônio). Perdida a cadeira de deputado, entra numa fase de ostracismo e de dificuldades financeiras que dura até a sua morte. Não conseguimos identificar a que papéis se refere Nabuco.

O deputado Joaquim Nabuco tem a honra de convidar o *Cons.º Rui Barbosa e sua Senhora* para assistir ao seu casamento com a senhora D. Evelina Torres Soares Ribeiro⁴⁷ na capela do Barão do Catete em Botafogo no dia 23 de abril às 11 horas da manhã.

68, Praia do Flamengo.

⁴⁷ No ano do casamento (1889) Evelina tinha 33 anos e Nabuco completaria 40 anos em agosto. A noiva era filha de José Antônio Soares Ribeiro, Barão de Inhoã e fazendeiro em Maricá, na então província do Rio de Janeiro.

Em sua viagem de núpcias, o casal foi a Montevidéu e depois, pelo rio Paraná, subiu até Assunção, onde ele falou ao Senado do Paraguai. Nabuco e Evelina visitaram as ruínas de Humaitá e seguiram para Buenos Aires, tendo sido recepcionados pela imprensa local e saudados por um discurso de Bartolomé Mitre (1821-1906), general e estadista argentino que, ao lado das forças brasileiras, derrotou Rosas e comandou os exércitos aliados na guerra contra o Paraguai.

Rio, 14 de março de 1899.⁴⁸

Meu caro Rui,

É-me grato depois de tanto tempo de separação ter que lhe agradecer o seu artigo de ontem, repassado da velha camaradagem que nos ligou desde a adolescência, quando fazíamos parte do mesmo bando liberal⁴⁹ da Academia. Os seus elogios não são outra cousa senão a munificência do seu espírito, que pode fazer presentes desses sem despojar-se.

Não aceitei o encargo que me era oferecido sem grave relutância e constrangimento, nem sem ter procurado de diversos modos afastar de mim o cálice. É para mim com efeito um penoso sacrifício e um grave compromisso esse de embrenhar-me intelectualmente durante anos pelo Tacutu e Rupununi⁵⁰, sobretudo tendo que me separar de minha Mãe, que breve completa a idade perfeita dos Antigos, os 81 anos, e cuja velhice feliz é hoje o meu maior empenho: *consummatio tamen aetatis actae feliciter*⁵¹. Não

⁴⁸ Esta carta foi divulgada por Rui Barbosa no artigo “Entre Velhos Amigos” (*A Imprensa*, 16 de março de 1899), quando retoma o tema de seu artigo anterior, “A Missão Nabuco” (*A Imprensa*, 13 de março de 1899), onde elogiava a nomeação de Nabuco como representante do Brasil no arbitramento sobre a pendência anglo-brasileira com relação à Guiana Inglesa, e a aproximação dos antigos monarquistas ao governo republicano:

Lamentávamos a muralha, aparentemente insuperável, que o separava do serviço do país, sob as instituições atuais. Não podíamos, portanto, deixar de estimar a ocasião patriótica, que lhe estendeu afinal, por sobre o fosso das prevenções ordinárias, a ponte de bonra, considerada, com razão, pelo nosso eminente conterrâneo como “um presente da fortuna”. O assunto seria ainda abordado em “Resposta Atrasada” (*A Imprensa*, 5 de abril de 1899), em que Rui rebate comentários do *Comércio de São Paulo*.

⁴⁹ Nabuco refere-se aos tempos de estudantes na Faculdade de Direito de São Paulo, quando ele e Rui participaram de associações acadêmicas de feição liberal.

⁵⁰ Tacutu e Rupununi, rios que demarcavam a área reclamada pela Guiana Inglesa. Originalmente limitada pelo rio Rupununi, principal afluente do rio Essequibo, a Guiana pleiteava o deslocamento de sua fronteira para as margens do rio Tacutu, alimentador do rio Branco.

⁵¹ *Felizmente vive uma velhice feliz.*

escuto, porém, tratando-se de minhas crenças políticas, *obliviscere populum tuum et domum patris tui*⁵², que retinha nos ouvidos de Newman⁵³ ao deixar Oxford e a religião Anglicana. A Monarquia só poderia voltar com vantagem para o país se os monarquistas se mostrassem mais patriotas do que os republicanos. Eu, pelo menos, é em um duelo de patriotismo que queria ver a causa nobre e justamente decidida.

Creia-me muito sinceramente convencido do que pratiquei. À custa do maior dos sacrifícios, o de expor-me ao juízo dos fariseus e dos publicanos, em vez de acabar, já agora, “no refúgio meditativo da religião e das letras”⁵⁴, mostro que, se morrer amanhã, não levo para o túmulo somente um espírito monarquista e liberal, levo também um coração brasileiro.

Ninguém dirá que a política e a diplomacia brasileira podem ser hoje as mesmas que eram ontem quando a Federação Americana ainda se conformava ao conselho dos seus fundadores de não ter colônias, nem querer aliados. Todas as altas posições e funções políticas entre nós, seja do Governo, seja da Oposição, seja da imprensa têm pois d’ora em diante que ser aceitas sob a impressão do terror sagrado próprio aos que elaboram os destinos nacionais em uma época de crise e mutação. É este o tempo para todas as imaginações sugestivas e criadoras se aprimorarem, para todas as dedicações e sacrifícios se produzirem, se quisermos salvar a honra e os créditos da nossa geração à qual veio a caber tais responsabilidades. Eu repito o que dizia meu pai em 1865: “Deus não permita que a história deplora a sorte de uma nação nova, cheia de recursos e de vida, mas infeliz por sua culpa!” Há um terreno superior ao das dissensões políticas em que espíritos de igual tolerância, de igual elastério, de igual patriotismo, podem e devem

⁵² *Esquece o teu povo e a casa do teu pai.*

⁵³ John Henry Newman, cardeal e teólogo inglês (1801-1890). Pastor anglicano, converteu-se ao catolicismo e tornou-se cardeal em 1879.

⁵⁴ Citação de trecho de “Missão Nabuco” (Cf. nota 11), onde Rui se refere ao período de recolhimento político de Nabuco, quando retornou à Igreja Católica e dedicou-se a uma intensa atividade intelectual, produzindo diversos artigos e livros, inclusive *Um estadista do Império* (1896), sua obra principal, em que analisa a vida do senador Nabuco de Araújo e a vida política, econômica e social do país durante a atuação do mesmo.

sempre colaborar uns com os outros no interesse comum do país: esse terreno pertence a *leaders* de opinião, como Rui Barbosa, alargar cada vez mais, e dar-lhe a força e a consistência do granito.

Creia-me com todos os meus melhores sentimentos de confraternidade liberal, amizade e admiração, sempre seu, meu caro amigo,

Joaquim Nabuco

Rio, 2 de maio de 1899.

Meu caro Rui,

Desejo-lhe ao partir⁵⁵ todas as felicidades e peço-lhe que disponha sempre de mim com a amizade que nos ligava nos tempos da nossa mocidade, certo que V. não tem quem mais do que eu deseje a perfeição de seu talento, a universalidade do seu nome, e a imortalidade de sua obra. Tenho mais ambição do que V. mesmo de o ver entrar na sua verdadeira e superior esfera, e é com sincera satisfação que acompanho a plenitude que caminha do seu disco intelectual. Seu sempre

Joaquim Nabuco

⁵⁵ Nabuco embarcou com a família a 3 de maio de 1899 para Londres, para colaborar nas negociações do tratado de arbitramento que a legação brasileira iria preparar. Carolina Nabuco, *op. cit.* p. 327.

[Rio de Janeiro, 21 julho, 1906.]

Sábado

Meu caro Rui,

Rogo-lhe que me dispense alguns dias mais para lhe pagar a sua visita de boas-vindas, pois não o quero ver sem algum tempo para conversar com V.

Quanto quisera tê-lo visto aceitar a nossa representação na Conferência⁵⁶, V. teria nela o seu lugar, eu não lho tomaria decerto. Já agora é preciso resignar-me, mas não a não o ver tomar parte na demonstração a Mr. Root⁵⁷ e aos Estados Unidos durante a estada dele entre nós. Nos Estados Unidos o Congresso, como V. sabe, tem feito raras sessões especiais em homenagem ou em honra a estrangeiros ilustres, creio que assim foi com Parnell⁵⁸, mas com certeza Lafayette⁵⁹ foi recebido com essas honras. Não seria possível fazer-se o mesmo aqui e ser V. o orador do Congresso para essa ocasião? ou pelo menos, se as duas Casas não se reunirem, o do Senado? Só V. com a sua eloquência pode-

⁵⁶ Trata-se da Terceira Conferência Pan-Americana, que teria início a 23 de julho, no Rio de Janeiro. Em carta de 8 de maio de 1906, dirigida ao Barão do Rio Branco, Rui Barbosa, alegando motivos de saúde, declina do lugar de representante do Brasil na Conferência, para o qual havia sido convidado pelo chanceler brasileiro.

⁵⁷ Elihu Root (1845-1937), político norte-americano. Foi Secretário da Guerra dos presidentes Mac-Kinley e T. Roosevelt. Em 1905, assumiu o cargo de Secretário de Estado e em 1906 compareceu ao Terceiro Congresso Pan-Americano, no Rio de Janeiro. Tornou-se amigo de Nabuco que, ao se instalar em Washington, alugou em Lafayette Square, ao lado da Casa Branca, a antiga residência do Secretário de Estado. Sobre a sua amizade com Elihu Root, Nabuco escreveu no seu diário: “é um amigo cujo apreço é para mim uma das satisfações na minha carreira”. *Apud* Carolina Nabuco, *op. cit.*, p. 416. Em carta a Rio Branco, ele acrescenta: “ele é único de sua espécie no interesse pela América Latina” (*ibid.*, p. 456).

⁵⁸ Nabuco refere-se, provavelmente, a Charles Stewart Parnell (1846-1891), político irlandês, chefe da resistência contra os excessos dos *landlords* ingleses e um dos defensores mais enérgicos da política do *Home Rule*, nome dado ao regime de autonomia reivindicado pelos irlandeses de 1870 a 1914.

⁵⁹ Marquês de Lafayette (Joseph Marie de Lafayette), general e político francês (1757-1834). Tomou parte ativa na guerra da Independência dos E.U.A. e, na França, como realista liberal, nas revoluções de 1789 e 1830.

ria elevar-se à altura da manifestação e traçar o perfil da democracia americana, do seu papel na história da civilização, mostrando ao mesmo tempo que a política da aproximação, da liga dos nossos dois países não é desta administração somente, mas da futura e de todas que se hão de seguir em nossa história.

O meu discurso do Cassino⁶⁰ é o que a *Gazeta*⁶¹ deu. O do *Jornal*⁶² foi o que eu disse; o da *Gazeta* o que eu devia dizer, como eu o devia ter dito.

Do velho amigo e admirador de tantos anos

J.Nabuco

⁶⁰ Referência a discurso pronunciado em banquete oferecido por amigos em sua homenagem, realizado no sofisticado Cassino Fluminense – atual Automóvel Clube, na Rua do Passeio, n° 90. Rui Barbosa não comparecera ao evento, e a *Gazeta de Notícias*, de 21/7/1906, traz seu telegrama aos organizadores: “Penhorado convite com que me honraram banquete ilustre Dr. Joaquim Nabuco sinto muito não poder comparecer alta manifestação estima preclaro brasileiro, tão digno admiração dos contemporâneos, na qual participo. Apresento desculpas.”

⁶¹ *Gazeta de Notícias*, matutino carioca fundado em 1875 por José Ferreira de Araújo. Nele José do Patrocínio começou sua carreira. Por volta de 1890, eram seus colaboradores, entre outros, Artur Azevedo, Olavo Bilac, Eça de Queirós, Ramalho Ortigão, Guimarães Passos e Coelho Neto.

⁶² Refere-se ao *Jornal do Comércio*, matutino que começou a circular no Rio de Janeiro em 1827, sob a responsabilidade do francês Pierre Plancher. Em 1834, mudou de proprietário e sofreu modificações que lhe aumentaram a influência. Tornou-se um dos mais importantes periódicos durante o Segundo Império e nos primeiros tempos da República.

[Rio de Janeiro], 22 jul., 06.

Meu caro Nabuco

Só agora (por negligência de um criado) me foi entregue a sua preciosa carta de ontem, que muito lhe agradeço. Sei que o tempo não lhe deve chegar para nada, e entre velhos companheiros não se medem cerimônias. Quando quer que venha, pois, a sua visita será muito bem-vinda. Terei, até, muito gosto em me antecipar a ela, se souber de alguma ocasião em que o possa apanhar em casa. Porque, de mais a mais, V. é o credor de gentilezas, a que eu cometi a falta de não corresponder.

Não seria, com efeito, sem analogias na história dos parlamentos a sua lembrança de uma manifestação ao Secretário de Estado americano pelas câmaras do Congresso. Mas no que não concordo, é no papel, que me designa, de orador nesta grande solenidade. Estou velho, doente, e, conquanto ainda se me não apagasse de todo “o fogo sagrado”, isto é, o entusiasmo e a esperança, já não assumo iniciativas, nem me exponho a temeridades. Os anos e o atrito das coisas hostis, cujo quinhão me tem sido acerbo e quotidiano, desenvolveram em mim uma desconfiança, que não consigo vencer, senão quando algum dever irresistível me impõe obediência cega. Foi principalmente por isto (aqui em segredo lho confesso) que me escusei da Conferência Pan-Americana. Nesta disposição de espírito a homenagem por V. imaginada aos Estados Unidos na pessoa do Sr. Root seria uma cena grande em demasia para a minha timidez. Ninguém terá por aquele país maiores simpatias que eu. Comecei a conhecê-lo e a querer-lhe, quando eu e V. éramos estudantes, na época da guerra separatista; pelos livros de meu pai, que se

sortia de todas as obras sobre a grande nação e a sua luta. De modo que a minha admiração da maravilhosa república norte-americana precedeu a minha admiração para com a Inglaterra, na qual depois se absorveram as minhas tendências e os meus estudos. Com a nossa revolução de 89 elas voltaram aos Estados Unidos. Já vê que o aplaudo na sua campanha pela conquista dessa amizade. Mas a palavra de porta-voz do Congresso, que V. me quer dar, a outrem deve caber. Sinceramente não me sinto com a coragem para tão amplo teatro.

Quanto ao seu discurso, um só pesar tenho: o de o não ter ouvido. Ainda bem que, afinal, o temos, declaradamente, entre nós, onde a sua ausência era uma sensível lacuna. Desde 93 eu, no *Jornal do Brasil*, sob o título de Apelo aos Conservadores, [...] a incorporação republicana dos grandes espíritos da monarquia. A V. mais que a ninguém o amor-próprio poderia embaraçar a mudança. Mas a sua superioridade e o seu patriotismo lho sobrepujaram. Muito bom. Ninguém o terá recebido com mais satisfação que o

seu velho amigo e fiel admirador

Rui Barbosa

Hotel dos Estrangeiros, segunda-feira

[Rio de Janeiro, 23 de julho de 1906.]⁶³

Meu caro Rui,

Sua boa carta dá-me o prazer todo e ainda mais, que V. devia ter imaginado ao escrever-me. Mas V. deve-se a si mesmo o assumir a representação do nosso Congresso na recepção a Mr. Root. Não sou eu que lhe destino ou reservo, como o poderia eu? é V. mesmo que a tem pelo direito da mais alta posição intelectual em nosso país.

Nas Cortes Portuguesas Antônio Cândido⁶⁴, para prestigiar a minha romaria abolicionista pelo mundo estrangeiro, como a de Garrison⁶⁵ outrora, propôs em um discurso eloqüente que a Câmara nomeasse uma comissão para me ir buscar à galeria onde eu estava e me concedesse as honras do próprio recinto do Parlamento Português, entre cujos membros tomei lugar. É isso o que quisera V. fizesse com Mr. Root. Lembre-se desta lista: Jefferson, Randolph, John Marshall, Madison, Monroe, John Quincy Adams, Henry Clay, John Forsith, Daniel Webster, Edward Everett, Marcy, Seward, Fish, Evarts, Blaine, Bayard, Sherman, Hay, Root, e V. se resolverá ao que lhe peço. O cargo de Secretário de Estado, como os nomes acima o indicam, é um cargo de que o povo americano tem tanto orgulho e zelo como da própria Presidência. Lembre-se de Henry

⁶³ Data atribuída por Carolina Nabuco em *Cartas a Amigos*, vol. II, p. 255.

⁶⁴ Em dezembro de 1880, Nabuco foi à Inglaterra para fazer contatos com associações antiescravistas e simpatizantes da causa abolicionista. No caminho, passou por Lisboa e Madri. Na capital portuguesa foi recepcionado por jantares e artigos elogiosos na imprensa. Ao visitar a Câmara de Deputados, foi reconhecido e Antônio Cândido, “considerado o melhor orador do Parlamento, propôs que fosse introduzido no recinto, onde o saudou como o arauto, no Brasil, da idéia humanitária” (L. Viana, *op. cit.*, p.480).

⁶⁵ William Lloyd Garrison (1804-1879), jornalista norte-americano, famoso por seu ativismo antiescravista. Foi fundador da *New England Antislavery Society*.

Clay⁶⁶ recebendo a Lafayette no Congresso Americano quando este voltou em 1824 (?) aos Estados Unidos. Desta vez é a União Americana que visita pela primeira vez a parte do Continente Americano, a América Latina. Não é por mim, que lhe peço isso: é pelo Brasil, e é por V.

O que Mr. Root disse ontem no Recife a meu respeito é a mais grata das inscrições que eu pudesse ter em minha fé de officio diplomática. Suas palavras sobre o meu discurso vêm ainda aumentar a magnanimidade desta manhã, a impressão do dia em que recebi aquele testemunho. Nada na vida pública requer tanta coragem como o mudar de um campo político. A excomunhão passou da religião para a política e hoje existe somente nesta. Mudar de fé, de Deus, pouco importa; a apostasia é somente mudar de partido. Mas, graças a Deus, eu nunca cedi ao medo baixo de ser sincero e nunca me inspirei no que para mim não conta intelectual e politicamente. E formei-me de modo que a opinião dos que não me compreendem me ficou sempre indiferente.

Ainda uma vez obrigadíssimo. Eu deputei o Artur Moreira⁶⁷ para persuadi-lo de prestar à grande política da liga, da união entre o Brasil e os Estados Unidos, o apoio mágico da sua palavra.

Todo seu

Joaquim Nabuco

⁶⁶ Henry Clay (1777-1852). Político norte-americano. Deputado e senador pelo Kentucky. Um dos principais líderes do American Whig Party, partido político criado em 1834 (substituído pelo Partido Republicano, em 1856) para combater o governo de Andrew Jackson e o Partido Democrata. Visava a limitar a influência do executivo federal e tinha o seu papel geralmente identificado com os interesses do comércio, da indústria e das finanças. Clay foi por duas vezes candidato derrotado à presidência dos Estados Unidos. Em 1824, presidia o Congresso Americano.

⁶⁷ Artur de Carvalho Moreira. Filho do Barão de Penedo, Francisco Inácio de Carvalho Moreira, ministro do Brasil em Londres. Criado na Europa, retornara ao país para cursar a Faculdade de Direito de São Paulo, onde se destacou pelos hábitos de dândi e tornou-se amigo de Nabuco e Rui. Diplomata de carreira, acompanharia Rui em sua missão em Haia, como primeiro-secretário da delegação brasileira.

BOTAFOGO

Acabo receber carta Graça Aranha⁶⁸. Amanhã melhor hora estarmos juntos aqui nesta sua casa seria à noite, quando esperarei se V. Ex.^a não determinar contrário.

Rui Barbosa

⁶⁸ José Pereira da Graça Aranha, escritor e diplomata brasileiro (1868-1931). Autor de *Canaã* (1902). Muito conhecido por ter se associado à Semana de Arte Moderna e rompido ruidosamente com a Academia Brasileira de Letras.

Pavilhão São Luís⁶⁹

[Rio de Janeiro], 26 jul. 1906.

Irei hoje depois de jantar com grande prazer.

Nabuco

⁶⁹ Sede da Conferência Pan-Americana, posteriormente denominado Palácio Monroe.

[Rio de Janeiro], 30 jul., 06.

Meu caro Nabuco

Acabo de receber o Münsterberg⁷⁰ e as três brochuras, com que me mimoseaste. Muito te agradeço estas lembranças, que ficarão recordando a renovação das tuas boas relações, cujo valor tenho em alto apreço. Teu amigo e admirador,

Rui Barbosa

⁷⁰ Refere-se ao livro *The Americans*, de Hugo Münsterberger (traduzido do alemão por Edwin B. Holt). London: Williams and Norgate, 1905. O volume traz dedicatória de Nabuco e se encontra na coleção Rui Barbosa, da Biblioteca da Casa de Rui Barbosa.

[Rio de Janeiro], 23 agosto 06.

Meu caro J Nabuco

Há duas horas que recebi e folheio com avidez, de encanto em encanto e de surpresa em surpresa, o teu novo livro *Pensées et Détachées*⁷¹, em cujas primícias me chamaste de grande⁷².

A minha impressão, diante de tantas e tão finas belezas de pensamento, sensibilidade e arte, uma língua pura e transparente como a de Renan⁷³, é de deslumbramento.

Como te deves sentir feliz de ver admirada com o contentamento e a simpatia sem mescla, que a tua superioridade inspira a quantos lhe sentem a magia!

Teu velho amigo e companheiro,

Rui Barbosa

⁷¹ Livro que Nabuco acabara de publicar em Paris (*Pensées Détachées et Souvenirs*. Paris: Librairie Hachette, 1906). Eram pensamentos reunidos, impregnados de espírito religioso. Contrariamente às expectativas do autor, que pensava ter produzido a sua obra mais importante (carta a Evelina, sua mulher, de 24 de setembro de 1906), foi recebido com indiferença ou mesmo hostilidade.

⁷² O exemplar de Rui traz a seguinte dedicatória: “A Rui Barbosa – grande – do velho amigo e companheiro Joaquim Nabuco”.

⁷³ Ernest Renan (1823-1892), historiador e filólogo francês. Deixou os estudos religiosos para dedicar-se à história das línguas e das religiões. Suas *Recordações da Infância e da Juventude* explicam as circunstâncias que o fizeram perder a fé. Autor de *A Vida de Cristo*, livro popularíssimo na época, muito combatido pela igreja católica. Racionalista e escritor de estilo refinado, teve grande influência entre os liberais do fim do século passado e do começo deste século.

Rio, 15 outubro 1906.

Meu caro Rui:

A doença e o falecimento de meu prezado sogro⁷⁴ me impediram de ir passar uma noite com V., como V. me havia insinuado no Cassino ser desejo seu, e assim fico privado de gravar ainda mais fundo a impressão do belo quadro de interior de que uma vez gozei em sua biblioteca e o perfil que para mim mesmo desenhei de sua feliz esposa. Em Washington, se eu lhe puder ser útil, mande-me uma palavra.

V. mais do que ninguém responde hoje perante a opinião do nosso Continente pela política americana de que eu lá sou agente, isto é, pela aproximação entre o Brasil e os Estados Unidos que estou servindo. No interesse dela terei muita vez que recorrer ao seu poderoso patrocínio. Meus votos são acima de tudo pela sua saúde e fortaleza, com elas tudo está salvo, nada corre perigo pelo que respeita ao nosso comum ideal.

Adeus, meu caro Rui. Mil felicidades. Do seu Velho Camarada e Amigo

Joaquim Nabuco

⁷⁴ O Barão de Inhoã, sogro de Nabuco, faleceu em 10 de outubro de 1906 na fazenda do Pilar, em Maricá.

[Rio de Janeiro]

Embaixador Brasileiro Washington

Aceitei Haia contando sua companhia.

Abrços. *Rui*

[Washington], 2 abril 1907.

Senador Rui Barbosa

Rio de Janeiro

Saúde obriga-me declinar, mas estarei em pensamento seu lado, orgulhoso ver
Brasil assim representado entre nações.

Muitos muitos parabéns.

Nabuco

Regina Hotel,⁷⁵ 10 junho, 07.

Meu caro Nabuco

Abrago-o e felicito-o.

Não o fui receber ontem por impedido.

Comunicou-me o R.O.⁷⁶ que V. Ex.^a deseja conversar comigo⁷⁷. Estou às suas ordens. Não sei a ocasião que lhe convirá. Se quiser, por exemplo esta noite, às 9 horas, poderei procurá-lo, ou esperá-lo, como lhe for mais cômodo, mediante prévio aviso seu.

Sempre am.º af.º

Rui Barbosa

⁷⁵ Hotel parisiense situado à Rue de Rivoli, em frente à estátua de Joana d'Arc.

⁷⁶ Rodrigo Otávio, que deixara um bilhete a Rui comunicando que “o Sr. Nabuco chegou ontem à noite. Está no hotel La Perouse”. Cf. carta de Rodrigo Otávio Meneses a Rui Barbosa de 10/6/1907, Arquivo da Casa de Rui Barbosa.

⁷⁷ Nabuco seguira para a Europa para se submeter a exames e tratamentos de saúde; contudo, sua presença no continente era muito conveniente, pois assim poderia colaborar, ainda que informalmente, com a delegação brasileira em Haia.

(verso de cartão Hotel Regina)

[Paris, junho, 1907.]

Son Excellence Monsieur Rui Barbosa

Sinto muito não achá-lo, mas voltarei logo às 9 horas.

Nabuco

[Paris]⁷⁸, Junho 13, 1907.

Notas Confidenciais

O Quesada⁷⁹ é o melhor informante que V. possa ter do que se passar na esfera hispano-americana. Ainda que ele seja muito amigo do Saenz Peña⁸⁰, de quem foi Secretário, V. pode fiar-se nele, certo de que, se o chamar a si, — os cubanos neste momento, sobretudo, são muito sensíveis à simpatia e medem cada pequena diferença no acolhimento que recebem, — ele será um bom aliado do Brasil entre a Hispano-América. Ele é muito entusiasta, mas vê claro e com muita penetração. Mme. Quesada é muito simpática e merece que sua Senhora faça amizade com ela.

O Esteva,⁸¹ Primeiro Delegado do México, é muito polido, mas frio e muito susceptível e exigente em questões de forma. Ele foi meu colega em Roma e é meu amigo. O de La Barra⁸² é muito atencioso e agradável. Ele tem grande admiração por V. O México é o rival da Argentina na América Espanhola e politicamente mais importante pela proximidade dos Estados Unidos, o que o torna um agente deste para as nações da mesma língua. O México procurou muito tempo fugir a essa aproximação, mas hoje compreende melhor o seu interesse e os Estados Unidos lhe estão insuflando o seu espírito pouco a pouco. Entre o México e a Argentina não tenho dúvida de que eles prefeririam elevar o México tanto na Haia como em qualquer outra ocasião.

⁷⁸ Carta escrita em papel timbrado do hotel La Perouse, Rue La Perouse, Paris.

⁷⁹ Gonzalo de Quesada Y Arostégui, ministro de Cuba em Washington. Havia sido o delegado do seu país à Conferência Pan-Americana, no Rio de Janeiro. Era grande amigo de Nabuco. Delegado plenipotenciário de Cuba em Haia.

⁸⁰ Roque Saenz Peña (1851-1914). Ministro das Relações Exteriores (1890) e presidente da República (1910). Chefe da delegação argentina.

⁸¹ Gonzalo A. Esteva, primeiro-delegado plenipotenciário do México em Haia.

⁸² Francisco L. de la Barra, diplomata mexicano. Terceiro-delegado plenipotenciário em Haia, foi, mais tarde, embaixador em Washington.



Dom Domingo Gana⁸³ é um velho amigo nosso, mas os argentinos o têm muito festejado ultimamente e se é certo que ele era o candidato à Embaixada que o Chile quis criar em Washington talvez ele nos suspeite de frieza a respeito dessa idéia⁸⁴. A mim ninguém nunca disse uma palavra por parte do Chile, nem tampouco por parte dos Estados Unidos. Trabalhei quanto pude por aproximar os dois países, falando ao Presidente⁸⁵ e a Mr. Root sempre do Chile de modo a elevá-lo no espírito de ambos e convencendo o Walquer Martinez⁸⁶ de que não pode haver política mais errada para o Chile do que inspirar desconfiança aos Estados Unidos, sobretudo quando o Peru procura por todos os modos captar-lhes a simpatia. A mim não cabia dizer uma palavra sobre um plano de que apenas tive conhecimento pelos jornais e em questão tão melindrosa. Admira-me que o Chile tenha querido realizar tal pensamento encarregando-o ao Yocham⁸⁷ ou tratando por intermédio do Ministro americano em Santiago, não sei qual foi o negociador.



O Quesada lhe explicará o valor de cada delegado hispano-americano. V. mostre desejo ouvi-lo sobre eles.

⁸³ Diplomata chileno, ministro em Londres e delegado plenipotenciário em Haia.

⁸⁴ O título de embaixador, na maioria dos casos, era reservado aos representantes das grandes potências. Entre os países latino-americanos, somente o México e o Brasil tinham representação diplomática com o nível de embaixada, nos Estados Unidos. O Chile e a Argentina empenhavam-se por obter o mesmo *status*, o que só vieram a conseguir bem mais tarde.

⁸⁵ Trata-se de Theodore Roosevelt (1858-1919). Republicano, vice-presidente dos E.U.A. em 1900, presidente após a morte de McKinley (1901), reelegeu-se em 1904.

⁸⁶ Joaquim Walquer-Martinez, ministro do Chile em Washington e ex-representante chileno no Brasil. Acabara de deixar o posto e regressara ao seu país.

⁸⁷ Encarregado de negócios do Chile em Washington.



O Fusinato⁸⁸ é muito meu amigo. Dou ao Artur⁸⁹ uma carta para ele, em que lhe manifesto a esperança de vê-lo deixar a Conferência tão seu amigo como é meu, falando-lhe de V. como devo. Ele esteve ultimamente bem doente de uma dispepsia nervosa. V. cultive a amizade dele, que será o seu melhor guia entre a diplomacia européia. Ele é muito amável e quererá agradecer-lhe por esse instinto político que faz da italiana a raça mais civilizada do mundo.



O Barão de Selir⁹⁰ (sobre quem se fez *à tort* o epigrama *il ne sait lire ni écrire*) é muito relacionado entre a velha aristocracia holandesa, esteve no Rio, é irmão do meu amigo o Visconde d'Alte, meu colega em Washington, coleciona porcelanas brancas e é um grande sportsman, no sentido de apostador em corridas. O Artur há de conhecê-lo bem. Talvez ele fosse o melhor auxiliar seu no que respeita à própria Holanda e ao corpo diplomático da Haia.



A posição de Embaixador é um pouco atada por etiquetas e cerimonial, em geral eles esperam que se vá a eles, mas eu nunca vi exemplo mais notável de que os homens de Estados (*sic*) se devem emancipar das exigências e imposições da etiqueta e tradições aceitas sempre que queiram fazer boa diplomacia do que a missão do Conde Witte⁹¹ aos

⁸⁸ Subsecretário de Negócios Exteriores da Itália, delegado plenipotenciário em Haia.

⁸⁹ Artur de Carvalho Moreira, primeiro-secretário da delegação brasileira.

⁹⁰ Ministro de Portugal, delegado plenipotenciário em Haia.

⁹¹ Conde Serguei Iulevitch Witte (ou Vitte), político russo (1849-1915), ministro das Finanças (1892) e presidente do Conselho (1905-1906).

Estados Unidos por ocasião do tratado de Portsmouth⁹². Ele começou por dirigir um apelo à imprensa americana, que pôs toda esta, senão do lado da Rússia, em uma expectativa simpática que contrastava com a guerra que lhe fizera durante o tempo do Conde Passini, o sobrevivente da antiga diplomacia de fórmulas e maneiras. De repente ele conquistou para o seu país a boa vontade geral. V. não é um diplomata de carreira, está numa missão em que o estadista, o político, não tem que considerar protocolos nem formulários e por isso pode libertar-se de quantas regras tolas e anacrônicas ainda prendem o nosso ofício, num tempo em que a opinião é a força das forças em política.

Deixo-lhe estas notas de um velho colega de Academia que deseja a maior felicidade a V. na sua missão.

J.N.

[Nota à margem]

Já apresentei o Rodrigo Otávio⁹³ ao d'Estournelles⁹⁴ (ele pronuncia como eu d'estournelles, não dè) e ele prometeu-me fazer tudo pelo Brasil. O Rodrigo Otávio o levará até você. Vou escrever algumas cartas diretamente, dizendo quem você é, uma delas ao Mr. Choate⁹⁵. Mande-me uma lista dos delegados. Meu endereço, até lhe mandar outro, é Hotel La Pérouse – rue La Pérouse, Paris.

⁹² Cidade dos E.U.A. (New Hampshire), onde foi firmado o tratado que pôs fim à guerra russo-japonesa (1905).

⁹³ Rodrigo Otávio de Langgaard Meneses, dito Rodrigo Otávio, (1866-1944), jurista e magistrado. Primeiro-secretário da delegação do Brasil em Haia e, mais tarde, em diversas conferências internacionais. Foi vice-presidente da Liga das Nações (1920). Ministro do Supremo Tribunal Federal (1929-1934). Autor de *Minhas Memórias dos Outros* (Impressões pessoais, 1934-1936) e de vasta obra sobre direito e política internacional. Membro fundador da Academia Brasileira de Letras.

⁹⁴ Paul Henri Benjamin, Barão d'Estournelles de Constant, (1852-1924). Presidente do Senado francês e segundo-delegado plenipotenciário de seu país à Conferência de Haia.

⁹⁵ Joseph Hodges Choate (1832-1917). Embaixador plenipotenciário, delegado plenipotenciário dos Estados Unidos e, por conseguinte, figura-chave na Conferência de Haia.

Joaquim Nabuco

Ambassadeur du Brésil (impresso)

Vão também duas conferências⁹⁶ que acabo de receber do Presidente Butler da Universidade de Colúmbia.⁹⁷ Ele é um dos *leaders* do ensino superior e das idéias de paz, um grande amigo do d'Estournelles.⁹⁸

Mando-as para que V. se familiarize com o gênero mais apreciado entre os americanos em matéria de Conferências e com a personalidade do orador, de quem ainda V. há de ouvir falar.

⁹⁶ Nicholas Murray Butler. "Opening address at the Lake Mohonk Conference on International Arbitration." May 22, 1907 e "Address at the unveiling of the statue of Alexandre Hamilton in the city of Paterson, New Jersey." May 30, 1907. Ambas se encontram na Biblioteca da Casa de Rui Barbosa.

⁹⁷ Nicholas Murray Butler (1862- 1947). Presidente da Universidade de Colúmbia de 1902 a 1945, renomado educador e diplomata, foi editor, por mais de 30 anos, da *Educational Review* e, nos seus últimos anos, da *Great Educator Series* e da *Teachers Professional Library*. Teve, também, destacada participação na diplomacia internacional. Em 1910, persuadiu Andrew Carnegie a estabelecer o Carnegie Endowment for International Peace; atuante advogado do desarmamento, foi agraciado com o Prêmio Nobel da Paz em 1931, juntamente com Jane Addams.

⁹⁸ Conforme nota 94.

Joaquim Nabuco

Ambassadeur du Brésil (impresso)

Meu caro Rui,

Agora vai completo o artigo de que lhe mandei a primeira coluna. Recebi este outro corte logo depois de ter mandado o primeiro. Estou escrevendo a diversos amigos que tenho aí na Conferência para lhes dizer quem V. é.

Dizem-me que V. está bem instalado.⁹⁹ Avalio quanto deve pagar.

⁹⁹ O Ministério das Relações Exteriores instalara Rui, Maria Augusta, suas filhas e a delegação brasileira em uma ala do luxuoso Palace Hotel, em Scheveningen, praia de banhos separada de Haia por uma floresta.

Vittel¹⁰⁰ (Vosges) Palace Hotel, junho 29,1907.

Meu caro Rui,

Pelo *Figaro*¹⁰¹ de hoje vejo que V. já se revelou e estimo particularmente que começasse apoiando Mr. Choate¹⁰². Nada pode fazer-nos tanto bem em Washington como sustentarmos os delegados americanos nas suas iniciativas para fazer o Direito das Gentes dar passadas de gigante nessa Conferência¹⁰³. O Drago¹⁰⁴ não leu a fábula da mosca do coche. Eu confio que da sua ida a Haia resultará grande bem para as nossas relações políticas com os Estados Unidos. Ou me engano muito, ou ouvirei Mr. Root falar do seu apoio como a melhor prova da sinceridade da nossa simpatia pelo povo americano.

¹⁰⁰ Estação de águas francesa situada no Departamento de Vosges.

¹⁰¹ *Le Figaro*, hebdomadário francês, satírico, fundado em 1854 por H. de Villemessant, que se tornou diário político e literário em 1866 e está em circulação até os dias de hoje.

¹⁰² No seu primeiro discurso à Conferência, de 28 de junho de 1907, Rui havia feito uma calorosa defesa da proposta americana, apresentada por Choate, visando a abolir o direito de captura da propriedade particular no mar em tempos de guerra.

¹⁰³ Nabuco parece seguir a expectativa geral de que a delegação dos Estados Unidos viria à Conferência apoiada na unanimidade das nações latino-americanas (Cf. William T. Stead, *O Brasil em Haia*. Rio de Janeiro: Imprensa Nacional, 1925, pp. 17-18). A posição de Rui, como é sabido, contrariará essa expectativa.

¹⁰⁴ Luis M. Drago, delegado plenipotenciário da Argentina em Haia. Encaminhada pela III Conferência Pan-Americana, a Doutrina Drago (Cf. nota 21) foi discutida e rejeitada em Haia. Rui pronunciou um discurso hábil contra a proposta argentina. Para ele, “os empréstimos [públicos] são atos de Direito Civil como os outros atos pecuniários, e não cabem na esfera da soberania: ou, se constituem atos de soberania, não são contratos [ou seja, sujeitos a] sanção para compelir” (Cf. Discurso do 12 de julho de 1907, à II Conferência de Haia, Stead, *op. cit.* p. 117). Além do mais, “uma vez consolidada em direito a teoria de que os Estados, contraindo empréstimos, não contraem nenhuma obrigação coercitiva, [...], ainda se poderia imaginar que houvesse capitalistas assaz ingênuos para confiar os seus haveres a tais privilegiados?” (Cf. Stead, *op. cit.*, p. 115-116)

Mande-me alguma coisa que lhe diga respeito na Conferência para eu não saber do que mais me interessa neste momento somente pelos jornais.

Fui com minha mulher visitar Mme. Rui Barbosa, a quem queria ter o prazer de apresentá-la, mas ela não estava.

Afetuosas lembranças do seu

Velho Amigo e Colega

Joaquim Nabuco

Langenschwalbach¹⁰⁵ agosto 26, 1907.¹⁰⁶

Meu caro Rui,

V. pode avaliar a satisfação que os seus triunfos me têm causado e o prazer com que vejo a repercussão deles em nossa terra. A sua agência deve ter-lhe mandado numerosos cortes de jornais em que é reconhecida por toda a parte da Europa a posição que V. alcançou na Conferência. Hoje recebo uma carta do Prozor¹⁰⁷ em que me diz que V. acabou por se impor à Conferência¹⁰⁸ e que não se medem mais os seus discursos pelo comprimento, mas pelo peso,

¹⁰⁵ Carta escrita em papel do Hotel Alleesaal & Villen, Hôtel de la Promenade, em Langenschwalbach.

¹⁰⁶ Há duas versões desta carta, ambas escritas em papel timbrado do Hotel Alleesaal & Villen (Hôtel de la Promenade) e de idêntico teor, à exceção da data. No arquivo de Rui, a carta é datada de 26 de agosto, e no de Nabuco, de 27 de agosto, o que leva a crer que o autor teria resolvido, após escrever a Rui, copiar a carta para os seus arquivos.

¹⁰⁷ Conde Prozor, delegado técnico da Rússia.

¹⁰⁸ Ficará celebrado, sobretudo, um incidente envolvendo Rui Barbosa e Martens, delegado plenipotenciário da Rússia.

No dia 12 de julho, quando Rui acabara de ler o seu discurso sobre o Tribunal de Presas, Martens, que presidia a reunião, declarou em tom de censura: “O memorial do nobre embaixador do Brasil constará dos processos verbais das nossas seções, devo, porém, observar-lhe que a política não é da alçada da Conferência” (Cf. Luís Viana, *op. cit.*, p. 304). De improviso, e com veemência, Rui investe contra o representante russo. Afinal, tudo que se fazia ali era político. E nada mais político do que o tema central da Conferência, o arbitramento obrigatório:

*Não há nada mais eminentemente político, debaixo do céu, que a soberania. Não há nada mais resolutamente político, senhores, que pretender-lhe traçar limites. Não será, portanto, política da mais declarada e franca, o que estais fazendo, quando procurais alçar, com o arbitramento obrigatório, uma barreira ao arbítrio das soberanias? Essas entidades absolutamente políticas, as soberanias, cujos representantes sois nesta Conferência, iriam abdicar parte da sua independência nativa nas mãos de um tribunal, obrigando-se a lbe submeter certas categorias de pleitos entre Estados soberanos. Haverá nada mais caracteristicamente político, senhores? (Stead, *op. cit.*, p. 102)*

A respeito do comentário de Nabuco sobre a satisfação com os triunfos de Rui, Luís Viana (*op. cit.*, p. 306) esclarece que “Nabuco não gosta de Martens, por atribuir-lhe o malogro sofrido na questão de limites com a Guiana em que representou o Brasil”.

et on voit ce qu'ils pèsent. O editorial da *Independance Belge* há dois dias felicitando-se por palavras suas, que aproveitavam à causa também da Bélgica, bastaria para mostrar que V. conseguiu uma reputação européia, como já a tinha americana. Somente o *Herald*¹⁰⁹ agride-o grosseiramente, vulgarmente, mas ninguém faz caso de agressões dessa ordem, em que eu vejo, e isto mesmo mandei dizer ao Graça Aranha¹¹⁰, insuflações de invejosos do nosso país e seus.

Simpatizo muito com a delicada situação em que V. se vê, forçado a combater por melindre nacional o acordo a que chegaram as grandes Potências sobre o Tribunal das Presas e espero que seja possível uma transação que o satisfaça. Compreendo que sua oposição nesse ponto foi sobretudo de princípio, com medo, ou na previsão, de que, votado sem reparos o sistema da “rotação” para as Presas, se torne inevitável a ampliação dele ao Tribunal Arbitral. Ora neste as grandes Potências não são mais interessadas do que as menores, elas podem ter maior tonelagem, mas não têm mais litígios. O sistema da rotação é a mais pobre invenção que tenho visto, sobretudo tendo-se que classificar as nações em seis categorias. Aplicar esse sistema à justiça da paz, como se o quis aplicar à da guerra, me parece, como V. bem diz, um retrocesso relativamente ao que foi deliberado na primeira conferência. Ficamos assim todos à espera do resultado final desta para saber se as nações menores sairão da Segunda Conferência maiores ou menores do que para ela entraram. Não compreendo nesse ponto a atitude da Delegação americana, ela parece ter perdido de vista o nosso Continente, preocupada somente do acordo entre as Grandes Potências, que muito cedo envolveram os Estados Unidos nos sistemas beligerantes que elas representam. O espírito de magnanimidade americana está bem patente na organização do Bureau Pan-Americano¹¹¹, no qual o voto dos

¹⁰⁹ Trata-se de matérias enviadas pelo correspondente do *Herald*, Audrey Stanhope. Sobre o assunto, Rio Branco telegrafa a Rui, no dia 2 de setembro de 1907:

As agressões de Stanhope e os seus tolos ataques ao Brasil estão prejudicando muito a influência dos Estados Unidos no Brasil e a política de Roosevelt e de Root.[...] A censura a V. Ex^a pela extensão do primeiro discurso 28 de junho sobre questão propriedade privada mar mostra bem o seu ânimo prevenido [...] Fiz publicar aqui em julho o número de linhas desse discurso 161 e do discurso Choate 780.

¹¹⁰ Cf. nota 68.

¹¹¹ A União Pan-Americana chamou-se inicialmente Bureau das Repúblicas Americanas. No início, era apenas uma agência de informações.

Estados Unidos com os seus 80 milhões é equiparado ao de Panamá ou de Honduras. Desse espírito a Delegação Americana aberra agora na Haia do modo mais surpreendente. Eu o felicito pelo brilho com que V. se tornou o campeão da igualdade entre Nações soberanas, do direito igual de todas elas à representação permanente nas instituições que fundarem juntas. Um abraço apertado do velho Amigo e Camarada

Joaquim Nabuco

P.S.

Explico melhor o meu pensamento. Eu não penso que nas deliberações do gênero humano em parlamento ou tribunal o voto de uma fração de um ou dois milhões de homens deva ter o mesmo peso que o de outra de cinquenta ou oitenta milhões. Isso não seria igualdade, mas desigualdade, pois nenhum contrato de sociedade é feito sem atenção à lei da proporção. Mas se não ofende a soberania que a representação seja proporcional, ofende-a ser ela intermitente. E a intermitência destrói até o caráter permanente do Tribunal, cuja composição política muda todos os anos, de modo que se começa um litígio com um quadro de juízes ou de nações e se o continua ou acaba no ano seguinte com outro quadro!

Minha partida para os Estados Unidos terá lugar na última semana de setembro, de sorte que só estarei no Continente até 15. Preciso absolutamente vê-lo antes de partir. Assim como lhe pude dizer as intenções do governo americano na Conferência, quero ouvir de V. para meu governo a história das suas relações com a Delegação americana, se V. está contente com a atitude dela, ou se houve alguma incompreensão por parte dela da sua atitude. Estou por isso ansioso por saber quando a Conferência acabará e o seu itinerário depois do encerramento, pois, se não houver possibilidade de o encontrar em Paris, irei mesmo à Haia despedir-me de V.

J.N.

Par ampliation
Ambassadeur Nabuco
Hotel Alleesaal

Scheveningen¹¹²

Acumulação contínua trabalhos tem-me impedido responder sua afetuosa carta motivo ainda maior satisfação para mim por ver nossa conformidade idéias questão atual situação cada vez mais delicada projeto americano sistema desigualdade composição corte caiu vencido pelo princípio afirmado por nós com apoio conhecido quase unanimidade nações latino-americanas.

Todavia persistem novas tentativas torcer-nos mas nosso Governo inabalavelmente resolvido resistir.

Opinião Rio excitadíssima dificilmente contida esforços Rio Branco cujo procedimento tudo isto tem sido admirável. Conferência não acabará antes fins setembro sendo eu retido aqui trabalhos diários convites e conferências sobre caso pendente não poderei pois vê-lo Paris. Seu sincero amigo. *Rui*.

¹¹² Localidade balneária, próxima de Haia, onde Rui estava hospedado. Cf. nota 99.

Ambassadeur Nabuco

Hotel La Perouse

Rue La Perouse PARIS

Scheveningen Kur

Estarei amanhã Bruxelles Hotel Europe.

Estimarei possa vir encontrar-me.

Rui

Paris

Rogo telegrafar-me quando chega e quando deixa Bruxelles horas que aí se demora.

Nabuco

Excellence Ambassadeur Nabuco

Hotel La Perouse, Rue La Perouse, Paris

Chegarei Bruxelles hoje 7 horas sairei amanhã quatro meia tarde. *Rui*

Paris

Vê-lo-ei amanhã Bruxelles grande prazer tenha podido interromper trabalhos.

Nabuco

Respondido sexta-feira, 20

Wimereux,¹¹⁵

Estou Splendid Hotel Wimereux pretendo ficar até sexta-feira comunique-me qualquer novidade.

Sentimento não vê-lo mais ontem mas almoço demorou e não pude passar seu hotel.

Afetuosas lembranças.

Nabuco

¹¹⁵ Cidade balneária, na região de Pas-de-Calais, notabilizada por ter sediado as experiências de transmissão de Marconi, em 1899.

Scheveningen

Segunda-feira tomando conhecimento da minha declaração subcomitê não pôde chegar maioria sobre solução alguma sendo consequência considerarem-se rejeitadas propostas e sugestões Choate, Bourgeois,¹¹⁴ Martens¹¹⁵.

Sessão quarta-feira Comitê recebeu comunicação desse resultado apresentando então Choate entre outras sugestões proposta formal composição nova Corte mediante eleição.

Votou-se então princípio eletivo sendo rejeitado conjuntamente com projeto dez votos contra cinco figurando entre contrários Alemanha, Inglaterra, Áustria, Itália Rússia. Das potências só favorável França.

Em seguida proposta Fry¹¹⁶ adotou-se dez votos contra cinco entre os quais Brasil proposta Fry recomenda governos organizarem Corte segundo regímen projeto quando cheguem acordo sobre composição dela.

Sentindo situação humilhada dos americanos Scott levantou-se chamando atenção sistema composição Corte rejeitado era obra colaboração Alemanha e Inglaterra com Estados Unidos.

Rui

¹¹⁴ Léon Bourgeois, primeiro-delegado plenipotenciário da França.

¹¹⁵ Fedor Fedorovich Martens, delegado plenipotenciário da Rússia.

¹¹⁶ Edward Fry, delegado plenipotenciário da Grã-Bretanha.

Scheveninger Kur

Ambassador Nabuco Brazilian Legation London

Remeti-lhe aí correio reprodução fotográfica¹¹⁷.

Apoiamos Estados Unidos suas propostas principais imunidade propriedade privada mar cobrança dívidas estados incorrendo por isso desgosto latino-americanos e arbitramento obrigatório proposta relativa periodicidade conferências sustentamo-lo totalmente quando quase todos outros arbitraram alterações saímos sua defesa caso compromisso tratados arbitramento contra argüições potências como verã *procès* verbal *comité* que remeto correio.

Colaboramos projeto presas aplaudindo-lhe princípio divergindo apenas quanto injustiça aplicação Brasil classificado abaixo Estados muitíssimo inferiores como verã meu discurso 10 setembro resumindo anteriores.

Onde divergimos absolutamente foi somente questão nova corte. Mas a respeito convém você leia *Sun* 27 agosto. Aí até talvez lhe houvésemos prestado serviço porquanto Buchanan¹¹⁸ confidência disse-me acredita Senado americano a rejeitaria e que rejeitará Corte Presas.

Adeus boa viagem.

Rui

¹¹⁷ Provavelmente, Rui se refere à cópia do seu último discurso, no dia 9 de outubro de 1907. O telegrama reproduz quase que integralmente o seguinte parágrafo:

Tem-se aturdido o mundo, ao redor desta Conferência, com o boato da hostilidade brasileira aos Estados Unidos. Mas é uma invenção risível.[...] Essa divergência, porém, se circunscreveu aos dois casos, em que era de uma necessidade inevitável: o da classificação dos Estados soberanos, que daria em terra pelos fundamentos com todo direito internacional, e o do tribunal de presas, cuja organização nos despojava, sem motivo nem pretexto possível, de um direito manifesto. Perante isso, estivemos com os Estados Unidos em todas as suas propostas de monta: a isenção da propriedade particular na guerra naval, a cobrança das dívidas contratuais, o arbitramento obrigatório, a periodicidade das conferências. (Cf. Stead, op. cit., pp. 184-185)

¹¹⁸ William I. Buchanan (1852-1909), delegado plenipotenciário dos Estados Unidos em Haia.

[Londres]¹¹⁹, 24 setembro 1907

Meu caro Rui,

Muito lhe agradeço suas remessas. Receio que as cartas de Choate e outros Delegados americanos tentem fazer do Brasil o bode expiatório da Conferência perante o Presidente Roosevelt e a opinião americana. Com os documentos que você me mandou¹²⁰ procurarei mostrar o espírito que nos animaos (*sic*).

Desejo-lhe uma bela viagem pela Itália. Você deve-se a si e mesmo deve-nos a nós fazê-la e tomar grande banho de arte antes de voltar ao Brasil.

Meus respeitos a sua Exma. Senhora de quem muitos que tenho ouvido vindo de Haia se mostram encantados.

Até Washington, espero em Deus.

Do seu muito obrigado e afetuoso amigo

Joaquim Nabuco

¹¹⁹ Carta escrita em papel timbrado do Long's Hotel, New Bond Street, London, W.

¹²⁰ Mencionados no documento 30, acima.

Lahaye, [21/10/1907.]¹²¹

Excellency Nabuco,

Washington (DC)

Finda minha missão parto Paris.

Abraço afetosamente caro amigo, agradeço lembrança livros.

Rui

¹²¹ Data obtida no livro de cópia de telegramas, depositado no Arquivo Rui Barbosa.

Washington, out. 22, 1907.

Meu caro Rui,

Recebo o seu telegrama que muito agradeço. Felicito-o por ter atravessado esses longos meses da Haia sempre fresco e pronto para a luta. V. é extraordinário. Deus o conserve.

Escrevi ontem longa carta ao Rio Branco. Meu desejo é que o recebam pelo brilho e culminância intelectual que V. deu à representação do Brasil entre as nações, mas que o não queiram identificar, encarnando-o em V., com o princípio da igualdade absoluta de todos os Estados nas fundações internacionais. Quase não tenho coragem por causa dele de ir ao nosso Bureau¹²² onde a ilha de Haiti vale mais do que o Brasil, anula o nosso voto com as suas duas republiquetas. Eu sei que V. pensa como eu. A nossa política na Haia foi toda de ocasião, em defesa própria, para evitar que nos amesquinhassem, mas desde que pensam em engrandecer-nos não devemos dizer que não entramos onde não entram também S. Domingos e Haiti. Tudo que devemos apurar da Conferência, e de que nos devemos orgulhar, é a reputação de alta cultura que V. criou para o Brasil. Esse é o grande resultado dela para nós e por ele serão poucas todas as manifestações que lhe fizerem os brasileiros. Demais na sua atitude, na sua veemência, no seu gesto, V. mostrou bem que se sentia o representante de uma grande nação e que queria que a tratassem como tal. Essa alma é incompatível com o princípio de que não há diferenças.

Não me consolarei se não for ao menos por um dia a Roma. Creia que seria um dia único em sua vida. Quando fui a primeira vez à Itália passei um dia somente em Roma na ida para Nápoles, de volta demorei-me um mês, creio, mas aquele dia não se me apaga da

¹²² Bureau das Repúblicas Americanas.

memória. Fica sendo único e completo.

Meus respeitos a Mme. Rui Barbosa e felicitações pela sua brilhante estréia e por ter sustentado até ao fim com o peso daquela grande campanha. Desejo-lhes a mais feliz viagem.

Do seu Velho Amigo

Joaquim Nabuco

O Casasús¹²³ traduziu as Conferências do Root em Yale. Vou pedir-lhe que lhe mande um exemplar. Fui eu que lhe sugeri essa idéia, como também pedi a V. Mas V. tem que trabalhar nas suas, que espero serão um grande sucesso. *J. N.*

¹²³ Joaquim D. Casasús, diplomata mexicano, fora Embaixador de seu país nos Estados Unidos.

Washington, dez., 31, 1907.

Meu caro Rui,

Ontem mandei-lhe as minhas felicitações por sua feliz chegada por intermédio do Rio Branco. Ele lhe terá dito as minhas palavras e esperanças.¹²⁴

Como você é quem de mais perto acompanha aí a marcha do constitucionalismo americano pedi para você um exemplar da “opinião” do Justice Brewer¹²⁵ na questão Kansas e Colorado, e acontece que o *Reporter* do Tribunal, Mr. Butler,¹²⁶ foi também delegado a Haia e ao mandar-me pede-me que o recomende à sua melhor lembrança, manifestando a mais alta admiração por você.

Espero que você resista bem a esse novo *surmenage* do entusiasmo nacional.

O artigo do Stead¹²⁷ agradou-me muito. Mande-o a Mr. Root e ontem o Bryce¹²⁸ conversou sobre o que ele diz de você com minha mulher. Mr. Root sentiu muito não ter você podido aceitar o convite de Yale.¹²⁹ E eu!

¹²⁴ Telegrama de Nabuco a Rio Branco:

Rogo expressar Rui Barbosa a minha alegria por vê-lo novamente em contato com o torrão natal, fonte de toda força e inspiração. Hoje que ele criou nome universal e que neste país há tanta admiração por ele, meus votos de brasileiro são para que a sua soberba inteligência e grande popularidade sejam postas com redobrado vigor ao serviço de aproximação constante das duas maiores nações americanas. Causa-me grande prazer a notícia de que ele pronunciará a saudação à esquadra americana no seu banquete de 600 talberes no Monroe. Aceite sinceras felicitações por tão acertada escolha.

¹²⁵ David Josiah Brewer (1837-1910), membro da Corte Suprema dos Estados Unidos.

¹²⁶ Charles Henry Butler, que fora delegado técnico em Haia.

¹²⁷ William Thomas Stead (1849-1912). Jornalista inglês, correspondente de jornais de Londres e diretor do *Courrier de la Conférence*, revista dedicada a apreciar os acontecimentos da II Conferência da Paz. Autor de *O Brasil em Haia*.

¹²⁸ James Bryce, embaixador da Grã-Bretanha em Washington.

¹²⁹ Rui Barbosa foi convidado a proferir a aula inaugural de 1908 em Yale. Por motivo de saúde, não aceitou visitar os Estados Unidos. Nabuco, preocupado em ver apagados os últimos vestígios do desacordo entre as delegações brasileira e americana em Haia, tivera grande empenho nessa visita. (Cf. nota de Carolina Nabuco, *op. cit.*, p. 298)

Meus respeitos a Mme. Rui Barbosa que tão brilhantemente dividiu com você as honras da nossa delegação. A ambos os mais felizes votos de Ano-Bom.

Do velho colega e amigo sincero

Joaquim Nabuco

A “opinião” do Justice Brewer é considerada muito notável.

Washington, jan. 20, 1908.

Meu caro Rui,

Mando-lhe um número do *Independent* de Nova Iorque em que é traduzido com as mais honrosas referências um dos seus grandes discursos da Haia, mas infelizmente com um trecho que é uma interpolação, de que V. repudiará, não a eloquência, mas a forma agressiva.

Mando-lhe também uma carta que hoje recebi de Mr. Scott,¹³⁰ a quem mandei o seu livro de discursos. Ele explicou-me a omissão do seu nome pelo Choate, dizendo que este não citara dentre os Delegados, mas dentre os Membros da Corte, em cuja lista V. não figurava. Pelo mesmo motivo deixou de citar outros, que lhe seria particularmente agradável citar. Alguém, porém, lembrando o seu nome, ele acrescentou, com um movimento simpático da mão, — *and Mr. Barbosa*. Pelo Almanaque de Gotha¹³¹ verifico serem todos que ele citou membros da Corte da Haia, menos o Barão Marschall¹³². A verdade é que fomos nomeados muito tarde.

V. tomará essa explicação como lhe merecer. Não há dúvida para mim de que não é uma invenção de momento. Não há dúvida também de que alguns delegados americanos, por não possuírem bem o francês, entendiam muita coisa às avessas.

Vou citar-lhe um exemplo bastante original nesse sentido, pedindo-lhe que não o divulgue. Disse-me Mr. Scott ter notado a surpresa de M. Renault¹³³, creio eu, quando uma vez V., falando de Mr. Choate, em vez de dizer *l'honorable*, disse *le respectable*! É incrível, mas é assim! De modo que se melindra um velho chamando-o de respeitável, de

¹³⁰ James Brown Scott (1866-1943). Delegado técnico dos Estados Unidos da América na Conferência de Haia.

¹³¹ Anuário genealógico, diplomático e estatístico, publicado em Gotha, em francês e em alemão, de 1763 a 1944.

¹³² Marschall von Bieberstein, delegado plenipotenciário da Alemanha em Haia.

¹³³ Louis Renault, terceiro-delegado plenipotenciário da França em Haia.

venerando! “Ele devia lembrar-se”, disse-me Mr. Root, a quem contei a anedota, “que na Roma antiga (suponho queria dizer da Idade Média) o primeiro grau era *honorabilis*, o segundo, acima, *respectabilis*, o terceiro *illustrissimus*.” V. pode melhor *check* essa citação. Todavia o Scott fala de V. com sincera admiração, como todos, e não tenho dúvida que Mr. Choate mesmo lhe renderá um dia homenagem pública.

Estou ansioso pelos jornais do dia da sua chegada e seguintes. Ninguém pode fazer mais do que V. pela política de aproximação entre os dois países; em V. o Brasil tem um nome para as grandes ocasiões.

Aqui têm chegado boatos de uma aliança sul-americana. Qualquer me pareceria um sério perigo. Bem aceita pelos norte-americanos, daria força ao sentimento dos alemães aqui, de que a América do Sul deve ser excluída das obrigações deste país pela doutrina Monroe¹³⁴. Mal vista, lançaria as nações todas que possuem vertentes do sistema amazonense na dependência deste país, fá-las-ia recorrer à proteção dele para tornar o arbitramento a lei de todo o hemisfério sul-americano e não a vontade das suas maiores nações. Em uma palavra, causaria a mesma desconfiança que a aliança anglo-japonesa, que por isso está seriamente ameaçada. As grandes Potências não se preocupam senão de agradar aos Estados Unidos, tanto que hoje o *Sun* pode dar a aliança ofensiva e defensiva deles com a Alemanha como uma possibilidade.

Minhas sinceras felicitações, meu caro Rui. Cria-me sempre seu velho
Camarada e Amigo

Joaquim Nabuco

¹³⁴ James Monroe, político norte-americano (1758-1831), presidente dos E.U.A. (1817-1825). Seu nome está ligado à doutrina que enunciou em 1823, a qual repele toda tentativa de intervenção européia nos negócios da América, assim como a intervenção da América nos negócios europeus.

Rio de Janeiro

March 17, 1908.

Official Excellency Nabuco

Brazilian Embassy Washington

Acabo ler *Independent* desde página 80 palavras *no one denies* até página 81 palavras *smallest states*.

Não há nessa tirada indiscreta e enfática uma palavra minha como demonstra texto oficial no volume meus discursos e atas da conferência que Scott lhe poderá mostrar. Penso conviria retificar .

Saudações

Rui Barbosa

Vice-Presidente do Senado

Washington, 11 de abril 1908.

Meu caro Rui,

Tenho prazer em mandar-lhe a retificação do *Independent*. V. pode estar certo de que seu nome ficará ligado à tradição da Haia. O ministro da Dinamarca dizia-me uma vez: “*C’était très intéressant d’entendre M. Rui Barbosa.*” O Encarregado da Holanda disse ao Amaral que na Conferência houve três homens: V., o Barão von (*sic*) Marschall¹³⁵ e o Bourgeois¹³⁶.

O Quesada¹³⁷ explicou bem o seu papel ao Root e veio cheio de admiração e *wonder*. Assim todos. Se não fosse a atitude americana, do Scott¹³⁸, que tem a ambição ainda por satisfazer e quer abrir caminho para a notoriedade, V. não teria tido a sua bandeira da igualdade dos Estados e o Brasil não teria feito a primeira figura da Conferência. Não nos devemos queixar dos que nos deram essa ocasião única, a V. e ao nosso país.

V. não terá esquecido o meu pedido a respeito do Hilário¹³⁹ e espero que seja a V. que ele deva a reparação do que sofreu por causa da Cruz Vermelha.

Ontem a irmã do Presidente disse à minha mulher que lhe haviam falado dos

¹³⁵ Cf. nota 132.

¹³⁶ Léon Bourgeois, primeiro-delegado plenipotenciário da França em Haia.

¹³⁷ Gonzalo de Quesada y Arostégui, delegado cubano em Haia.

¹³⁸ Como delegado técnico dos Estados Unidos da América na Conferência de Haia, redigiu a proposta americana sobre o Tribunal de Arbitragem, que deu origem à proposta tríplice (germano-britânico-americana), finalmente rejeitada na Conferência.

¹³⁹ Hilário Soares de Gouveia, médico e professor brasileiro (1843-1923). Aprovado em concurso para a Faculdade de Medicina de Paris com a tese *A distomatose pulmonar pela fasciola do fígado*, 1897. Assistente de clínica da Universidade de Heidelberg (Alemanha). Obras principais: *Do glaucoma* (1866); *Contribuições à patologia das queimaduras da córnea*, 1869. Membro da Academia Nacional de Medicina. Cunhado de Joaquim Nabuco, casado com Rita de Cássia, Iaiá, sua irmã mais velha.

jantares do Embaixador do Brasil na Haia como tendo sido os mais bonitos de todos, e que ela havia dito que também o eram aqui. Nada podia ser-nos mais lisonjeiro que esta associação. Também o Buchanan¹⁴⁰ falou-me de Mme. Rui Barbosa com admiração e encanto. Enfim, foi um sucesso em toda a linha.

Em 11 de maio terá lugar a inauguração do novo Edifício para o Bureau Pan-Americano, havendo três discursos: o do Presidente, o meu e o de Mr. Carnegie¹⁴¹. Mais tarde, em maio, irei a Yale fazer duas conferências, uma sobre Camões e a outra sobre o Brasil.¹⁴² Chamando atenção para a grandeza de Camões e dos *Lusíadas*, procuro mostrar aos americanos que a nossa língua não é um dialeto da espanhola. O espanhol é falado por quase vinte das 21 nações do Continente e é preciso mostrar que o português não lhe reconhece preeminência. Foi uma pena V. não poder vir, mas as grandes ocasiões não hão de faltar a quem tem o seu Monopólio.

Do Velho Amigo e Colega

Joaquim Nabuco

¹⁴⁰ William I. Buchanan, diplomata americano.

¹⁴¹ Andrew Carnegie, industrial e filantropo norte-americano (1835-1919). Controlou a metalurgia de Pittsburgh e seu truste do aço, amealhando grande fortuna. Mecenas de fundações culturais e institutos de pesquisa norte-americanos (Carnegie Hall, de Nova Iorque).

¹⁴² *O Lugar de Camões na Literatura*, conferência na Universidade de Yale em 14 de maio de 1908. *Obras Completas de Joaquim Nabuco*. São Paulo: IPÊ, vol. X, pp. 351-373; *O Sentimento da Nacionalidade na História do Brasil*, conferência perante o Spanish Club da Universidade de Yale, em 15 de maio de 1908. *Obras Completas de Joaquim Nabuco*. São Paulo: IPÊ, vol. X, pp. 433-443.

Rio de Janeiro

Excellence Nabuco

Brazilian Ambassador

Trabalhos código civil¹⁴³ agora recomçados obrigam-me incomodá-lo pedindo-lhe prestar-nos valioso serviço enviar-me com a respectiva conta despesas e prontidão possível a coleção mais completa que puder reunir dos principais códigos civis dos diferentes estados desse país e principais comentários publicados bem como publicações oficiais que acaso existam assunto muito lhe agradecerei essa preciosa contribuição nossa tarefa.

Afetuosas saudações

Rui Barbosa

V.-Presidente do Senado

¹⁴³ A discussão parlamentar do Código Civil Brasileiro começa em novembro de 1901, com o envio à Câmara dos Deputados do Projeto do Código Civil, redigido inicialmente por Clóvis Bevilacqua (1899) e revisto por uma Comissão Revisora, instalada sob a presidência de Epitácio Pessoa (1900). Coube a Lacerda de Almeida a redação final do Projeto encaminhado pelo executivo.

Em 1º de abril de 1902, chega ao Senado, vindo da Câmara, já revisto pelo gramático Ernesto Carneiro Ribeiro, o projeto do Código Civil. Rui Barbosa é eleito relator da Comissão Especial do Senado, encarregada de estudar o projeto.

Imediatamente (4/4/1902), Rui apresenta o parecer sobre a redação do projeto, critica a linguagem e propõe emendas a quase todos os artigos. Inicia-se uma vasta polêmica que deu origem à célebre *Réplica*, na qual ele rebate todas as críticas ao seu parecer e revela um enorme conhecimento da língua vernácula.

Em março de 1905, a Comissão Especial toma conhecimento do esboço do Parecer Jurídico, redigido por Rui, sobre a parte geral – arts. 1-21 – do Código Civil. No ano seguinte (22/10/1906), quando ele é eleito vice-presidente do Senado Federal, cargo a que será reconduzido até 1909, Rui Barbosa é impedido, por norma regimental, de participar da Comissão Especial do Código Civil. No entanto, como se depreende desta carta, de 1908, o seu interesse no assunto mantém-se vivo.

Tendo renunciado à vice-presidência do Senado em junho de 1909, Rui Barbosa é reconduzido à relatoria da Comissão Especial do Código Civil em agosto do mesmo ano. A discussão sobre o Código arrasta-se ainda por um longo período: somente em 16 de dezembro de 1915, é aprovado o Projeto 168-A (Código Civil Brasileiro), que entra em vigor a 1º de janeiro de 1917 (Lei n.º 3.071).

Hamilton, Mass. agosto 3, 1908.

Meu caro Rui,

Mandei para Nova Iorque ao Consulado para lhe serem expedidos dois pacotes, contendo um as leis de Massachusetts e outro uma obra *The American Statute Law*¹⁴⁴ e um livro de John F. Dillon¹⁴⁵. Encomendei que lhe mandassem, mas não sei se chegarão a tempo de apanhar o vapor de 5, os Códigos da Virginia e Alabama. O seu segundo telegrama restringiu muito a ordem, mas não creio que eu adiantasse mandando mais do que estes livros.

Como V. melhor sabe do que eu, aqui não há Códigos no sentido que a palavra tem fora do mundo Anglo-Saxônio. O espírito deste povo é refratário à idéia de Codificação. É para nós, me dizia um americano anteontem, *unthinkable*. O que há é compilação das leis tanto da União como dos Estados. Com os dois chamados Códigos de Alabama e da Virginia V. terá alguma idéia que estou certo já tem completa, eu suponho que V. sabe tudo, do que são os Códigos neste país. Mando-lhe as leis de Massachusetts, porque o seu grande espírito tirará delas muita coisa que se adapte ao nosso Código e dilate o campo dele muito além dos limites dos Códigos Civis europeus. Sendo Massachusetts o Estado mais culto da União, pensei que devia escolher esse, apesar de não ter a publicação o título de código. Diversos Estados têm dado o nome de Código a puras compilações das leis feitas por eles, com exclusão da jurisprudência antiga, que ainda é a única do país.

¹⁴⁴ Obra da autoria de Frederic Jesup Stimson, em 2 vols., um compêndio analítico e comparativo de todas as constituições e leis civis dos estados e territórios, referentes às pessoas físicas (em vigor no mês de julho de 1886) e jurídicas (em vigor no mês de janeiro de 1892) no que diz respeito ao direito de propriedade.

¹⁴⁵ John Forrest Dillon, jurista norte-americano. Rui possuía três obras desse autor, que se encontram na Biblioteca da Casa de Rui Barbosa: *Commentaries on the Law of Municipal Corporations*. 4. ed. Boston: Little, Brown, 1890. 2 vols.; *John Marshall, life character and judicial services*. 3 vols., 1903, e *The Laws and Jurisprudence of England and America*. Boston: Little Brown, 1895.

O livro de Stimson¹⁴⁶ vai porque o meu vizinho Justice Holmes, da Suprema Corte Federal, aconselhou-me que o mandasse, por ser muito notável, “*a colossal job*”. Não é muito recente, mas a legislação civil não tem mudado desde a data da publicação. O segundo volume é quase exclusivo sobre os Trusts, a forma que a associação de capitais vai tomando neste país. No livro de John F. Dillon V. verá discutida a questão da codificação.

Não creio que você achasse muito com relação à Arquitetura do nosso Código nessas compilações; nunca mais, em todo caso, do que nos índices dos grandes Digestos de Lei e Jurisprudência Inglesa e Americana que você já tem em sua livraria, e comentadores como Blackstone e Kent. Quanto à matéria do Direito, à concepção dele, a obra de Stimson compreende todas as criações da legislação americana nos diferentes Estados. Estou certo de que V. já tem tudo de que precisa na sua livraria, mas no caso de duplicata V. poderá passar à Biblioteca do Senado.

Os Editores de Boston de livros de Direito Little, Brown and Co. forneceram-me os livros que lhe mando e lhe mandarão a conta por meu intermédio.

É com o maior prazer que cumpro ordens suas; por isso mesmo preocupa-me o desempenho desta, que talvez não seja satisfatório. Mas como lhe disse a idéia de um Código Civil como o da França, ou o da Itália, parece uma heresia e uma aberração, tanto racional como jurídica, à raça inglesa e aos seus descendentes. Neste ponto eles conservaram-se aqui tão firmes na velha tradição como na Inglaterra mesmo.

Tem-se discutido muito a Haia nas Revistas americanas e naturalmente muito também o princípio da igualdade das Nações. V. fez um nome e em parte alguma é mais admirado do que aqui. Há sempre a lenda de que V. comandou contra os Estados Unidos e agora mesmo, a propósito da venda dos nossos novos navios ao Japão inventada pelo *Herald* voltou este à sua campanha, também inventada por ele, contra os Estados Unidos

¹⁴⁶ Frederic Jesup Stimson. Escritor, professor de legislação comparada na Universidade de Harvard e diplomata norte-americano. Além da obra já citada, Rui possuía as seguintes obras desse autor: *The American Constitution; the national powers, the rights of the states, the liberties of the people*. New York: C. Scribner's, 1908, *The law of the federal and state constitutions of the United States*. Boston: The Boston Book, 1908; *Popular law-making: a study of the origin, history and present tendencies of law-making of statute*. New York: C. Scribner's, 1910, e sua tradução da obra de José Enrique Rodó, Ariel, acompanhada de uma introdução de sua autoria, 1922, com dedicatória do autor a Rui. Todas essas obras se encontram na Biblioteca da Casa de Rui Barbosa

na Haia em conspiração com o Ministro japonês e o Embaixador alemão! As lendas têm vida longa. Por isso mesmo eu espero em nossa boa fortuna, naquela fortuna da sorte nacional, de que falei em Yale, que venha V. um dia a este país revelar-lhe que ele nunca teve amigo melhor. E V. seria recebido como em parte alguma graças ao nome que fez.

Não lhe escrevo mais vezes, meu caro Rui, porque V. não me responde, o que atribuo aos seus imensos trabalhos.

Peço-lhe que apresente os meus respeitos à sua Exma. Sra. e creia-me sempre seu

Velho Companheiro e Amigo

Joaquim Nabuco

Hamilton, Mass. 4 de agosto 1908.

Meu caro Rui,

Mando-lhe uma carta de Mr. Stimson que o Justice Holmes¹⁴⁷ acaba de enviar-me. Ela lhe será útil. Já eu tinha encomendado o Código da California. Esse é o modelo de outros dos novos Estados. Mas não são os principais Estados da União; muito longe disso; nestes só há Revisões.

Suponho que V. tem a Revista do Scott¹⁴⁸, *The American Journal of Intern. Law*. Estou mesmo certo. O último número ocupa-se muito com a Haia. Todos (*sic*), por assim dizer. Imagino que ele tem a ambição de ser um dos 15 juizes da Humanidade e está se servindo do prestígio do Root, que o inventou, para criar o Tribunal. Ou antes quer se servir, porque não vejo que o Root tenha dado passo algum para isso. São os propagandistas que querem que o Tribunal seja criado desde que algumas nações, parece que três lhes bastam, concordem no processo para a escolha dos juizes. Confesso-lhe que a Haia não me atrairia, nem mesmo como Pritaneu.¹⁴⁹

Esta vai pela Europa.

Seu Velho Amigo e Colega

Joaquim Nabuco

¹⁴⁷ Oliver Wendell Holmes (1841-1935), juiz da Suprema Corte.

¹⁴⁸ James Brown Scott. Como se vê, Nabuco não esquece o papel do delegado técnico americano e continua atribuindo-lhe os mesmos propósitos carreiristas.

¹⁴⁹ Em Atenas, edifício ocupado pelos prítanes, magistrados.

Hamilton, Mass. setembro 2, 1908.

Meu caro Rui,

Inclusa envio-lhe a conta dos Códigos, que V. poderá pagar diretamente ou por meu intermédio. Terá sido uma decepção para V., mas nenhum desses livros deixará de ser-lhe útil. Em cada um V. achará alguma coisa que adaptar à nossa legislação.

Espero que a mudança para a Boa Viagem ou Icarai lhe tenha feito bem e a Mme. Rui Barbosa sobre quem a acumulação dos seus trabalhos e a sua vida intensa não deixa também de pesar.

Eu, com toda a minha invalidez, fui a Chicago em 28 horas e em outras 28 voltei, tendo ficado um só dia para pronunciar o meu discurso na distribuição dos graus na Universidade.¹⁵⁰

Li nos jornais a notícia do casamento da Sra. sua filha com o Dr. Batista Pereira¹⁵¹. Ele ocupa hoje um lugar que me faz seu súdito póstumo por ter filhos menores, e alguns bem menores. Pouco a pouco vai V. dobrando os seus filhos com genros e noras, entrando na via de patriarca. Deus o acompanhe sempre.

Do Velho Amigo

Joaquim Nabuco

¹⁵⁰ *A Aproximação das Duas Américas*, Conferência na Universidade de Chicago, em 28 de agosto de 1908. *Obras Completas de Joaquim Nabuco*. São Paulo: IPÊ, 1949, vol. X, pp. 463-470.

¹⁵¹ Trata-se do casamento de Maria Adélia, filha de Rui, com Antônio Batista Pereira, que fora segundo secretário da Delegação em Haia, realizado em 15 de agosto de 1908.

Rio, 12 de nov., 08.

Meu caro Joaquim Nabuco

Tão velhas e graves são as minhas culpas de [...] para contigo e tanta a bondade em [...] me tens dado o troco, respondendo ao [...] crônico silêncio com as tuas cartas, sempre tão interessantes, que não sei [...], e envergonhado, como comece a romper [...]. Fá-lo-ei, entretanto, por um protesto, em que não verás, mas que eu aventuro na sincera esperança de o cumprir: o de me emendar, a teu respeito, de ora avante, não deixando mais sem resposta as tuas missivas, e procurando, quando haja ocasião, adiantar-me a elas, com algumas notícias minhas e das coisas da nossa terra.

Contudo, por mais que pareça irrelevante a habitualidade das minhas faltas, sempre te direi que, se conhecesses de perto a minha vida, talvez me tivesses pena, e não achasses dificuldade em mas justificar. Há muito que o peso dos meus encargos excede imensamente as próprias possibilidades materiais do tempo que nos cabe em sorte a cada um de nós. Com todos os meus hábitos de madrugar quotidiano, de trabalhar contínuo e de fugir às distrações ordinárias, fico sempre muito longe de vencer a tarefa, e deixo necessariamente em aberto o desempenho de muitos deveres sociais. Pudesse eu ter um secretário, e me seria de um alívio inestimável. Mas isto que noutras é tão comum, em nossa terra, se existe, é ave mais que rara. Eu nunca o logrei encontrar. Com a conferência de Haia me cresceram, por este lado, os embaraços. As relações, bastantes numerosas, que ali contraí, e as que me surgem das idéias que por aí se propalaram a meu respeito, de vez em quando me vêm pôr ainda em contribuição a minha já tão pen-

sionada atividade, com a necessidade que, não poucas vezes, me impõe, de responder a amigos ou curiosos.

Por cúmulo de meus males, a toda esta carga (imagina juntar a política, o parlamento e a advocacia, de que vivo) se veio sobrepor a do código civil. Já estava eu dela exonerado, graças ao regimento do Senado, que não permite aos membros da mesa fazerem parte de comissões especiais, quando os meus colegas, para de novo me envolverem nesse compromisso, resolveram reformar a lei da casa, e, repondo-me naquela comissão, deliberaram entregar-me, exclusivamente a mim, a revisão total do assunto. Bati-me e ainda me bato, por me livrar de tal pena. Não sou entusiasta dos benefícios da codificação. Não me tenho por competente, para a fazer. Com os ressentimentos que criou a minha crítica da redação do projeto da Câmara, não creio que haja predisposto um meio favorável à apreciação do meu trabalho futuro. Não concebo obras deste gênero senão elaboradas lentamente; o que não satisfaz à impaciência gerada entre nós pelo exemplo geral da codificação do direito civil nos demais países. E, além de tudo, e sobretudo, não tenho tempo. Seria mister abster-me, durante uns vinte meses, da política, do congresso e da minha profissão, especialmente desta, que me fornece os meios de subsistência. Por último, estou cansado, e, apesar do privilegiado organismo, que, sob as suas fracas aparências, Deus me deu, sinto bem abalada a saúde por 28 anos de trabalho e lidas quase sem tréguas. Nenhuma escusa, porém, me valeu. Dizem os meus colegas do Senado que os deixarei mal, se os abandonar. Declaram que não me traçam limites de tempo ao desempenho da missão. De modo que, porsim, ou não porsim, hei de cumprir a sentença. Mas com que pouca vontade! Com que desânimo! Com que obsessão da responsabilidade!

Foi a contingência dessa empresa, a que, afinal, me suponho definitivamente condenado, sem saber ainda quando nem como a encetarei, a que me levou a incomodar-te, falando-te em códigos civis dos Estados Unidos. Não sei como te agradecer a presteza e delicadeza, com que me atendeste, ocupando aí as tuas relações, e proporcio-

nando-me a aquisição dos bons livros, que me enviaste. Inclusa encontrarás uma letra de \$ 66.50, do London & Brazilian Bank sobre os seus agentes em Nova Iorque, a favor dos Mr. Little, Brown & Co. em pagamento da sua fatura. Verás que esta letra está pronta desde setembro, retardando-se aqui pelo meu atraso em te escrever. Pareceu-me melhor enviá-la pelo teu intermédio. Se há inconveniente, espero que me relevantes, e, em todo o caso, desde já te agradeço o incômodo, que com isto ainda te vou causar .

Já possuía os livros do Stimson e do Dillon, este há muitos anos. Mas não me fez mal a duplicata. Os outros foram, como esses, bem escolhidos, e conto que me serão úteis. Sabia eu, realmente, o pouco, que no assunto se poderia aí encontrar. Chamo, no entanto, a tua atenção para o que, a tal respeito, se nos oferece no livro *Select Essays in Anglo-American Legal History* (Boston: Little Brown, 1908) vol. II, pgs. 643 a 690, sob o título: “Code Pleading in America and England”. Todo, ou quase todo o movimento, de que ali se fala, diz respeito à codificação das leis do processo, aí feita sob o nome impróprio de Civil Codes. Cerca de 27 Estados possuem hoje este gênero de codificação. Há, entretanto, quatro, que já tem codificado o direito substantivo em matéria civil: a Califórnia, o North Dakota, o South Dakota e Montana. É o de que nos informa o autor desse estudo. Entre os que pela tua encomenda me vieram, está o da Califórnia. Se fosse possível incumbires a casa Little, Brown & Co. de me expedir os outros, indicados a pgs. 671 desta obra, que é justamente publicação desta casa editora, muito agradeceria.

Ultimamente, no curso das minhas escavações relativas ao caso do Acre, em que sou advogado do Amazonas, fui levado a abrir as tuas memórias sobre a questão da Guiana Francesa¹⁵², e, de investida em investida, ferrei-me a elas e as li todas. Tal a magia da superioridade, com que as redigiste. Acabei, permita-me dizer-te, cheio de

¹⁵² *Frontières du Brésil et de la Guyane Anglaise*. Première mémoire. Le droit du Brésil présenté à Rome le 27 février 1903 par Joaquim Nabuco, envoyé extraordinaire et ministre plénipotentiaire du Brésil en mission speciale auprès de Sa Majeste le roi d'Italie. Paris: A. Lahure, 1903; *Anexes du premier mémoire du Brésil*. Paris : 1903, 5 vols.; *Frontières du Brésil et de la Guyane Anglaise*. Seconde mémoire. Le droit du Brésil présenté à Rome le 26 septembre 1903 par Joaquim Nabuco, envoyé extraordinaire et ministre plénipotentiaire du Brésil en mission speciale auprès de Sa Majesté le roi d'Italie. Paris: A. Lahure, 1903, 3 vols. *Anexes du seconde mémoire du Brésil*. Paris : 1903, e *Frontières du Brésil et de la Guyane Anglaise*. Troisième mémoire. Le droit du Brésil présenté à Rome le 25 février 1904 par Joaquim Nabuco, envoyé extraordinaire et ministre plénipotentiaire du Brésil en mission speciale auprès de Sa Majesté le roi d'Italie. Paris: Lahure, s.d, 3 vols.

admiração. As qualidades, que ali desenvolveste, de crítica, de argumentação, de lógica, de bom-senso, de clareza, de tino e de amenidade, elegância, brilho, com um fôlego de encher todos aqueles volumes, sem fastio ou vulgaridade, em matéria tão seca, tediosa e longa, fazem desse trabalho teu porventura a mais notável expressão do teu talento. É o que tenho dito aqui a muitos, com quem se me depara ensejo de tocar no assunto. Conviria extrair do maciço granítico daquela mole algumas amostras do minério precioso, para atrair a distraída curiosidade e chamar a atenção dos estudiosos a esse episódio, pouco animador, da iniquidade da justiça internacional.

Cumprimentos pelas tuas conferências e discursos americanos. Bem haja esse condão, que Deus te deu, de seres eloqüente em todas os idiomas que falas. Muito já lhe deve a ele a posição atual do Brasil nos Estados Unidos, onde criaste para o Brasil uma situação nova.

Esta vai já demasiado extensa, o vapor deve seguir hoje, e receio perder a mala.

Minha mulher agradece a atenção, com que sempre dela te lembras nas tuas cartas, e se recomenda a tua senhora, a quem envio os meus respeitos.

Muito sinceramente

Teu velho companheiro e amigo

Rui Barbosa

[Miami]¹⁵³ 4 fevereiro 1909.

Meu caro Rui,

Tenho tido tanto trabalho desde que recebi sua boa carta que ainda não lhe pude dizer todo o prazer que ela me causou. Agora de volta de Cuba¹⁵⁴, parando neste lugar delicioso, que pelos coqueirais, pelo mar, pela paisagem toda, lembra as praias do nosso Norte, tenho enfim descanso para conversar um instante com V.

O que V. me diz das minhas Memórias na questão com a Inglaterra é a minha melhor recompensa¹⁵⁵. V. pode bem avaliar por aí o valor para mim da sua carta. Terei mais cedo ou mais tarde que me condecorar com ela.

Compreendo bem sua vida; nem reclamo que V. me escreva, mas somente que me guarde sua afeição. No seu caso, é o meu, eu procuraria um secretário para a infinidade de coisas que V. pode delegar. Neste país um homem na sua posição, como, por exemplo, o Senador Aldrich, e o mesmo me dizia do irmão há dias, Mr. Charles Taft, tem dois ou três estenógrafos *type writers*, constantemente ocupados. É verdade que aqui ninguém mais escreve, tudo é taquígrafado e escrito à máquina, mas, mesmo para quem precisa escrever, como eu, o que se pode ditar e o que se delega é uma grande diminuição de carga.

Espero que este ano traga a mudança que tanto desejo em minha sorte. Completam-se dez anos de ausência do país e da vida mais artificial que eu podia ter tido.

¹⁵³ Carta escrita em papel timbrado do Hotel Royal Palm, Miami, Biscaye Bay, Florida.

¹⁵⁴ Em finais de janeiro, Nabuco estivera em Havana, representando o Brasil nas cerimônias da restauração do governo nacional (Cf. Luís Viana, *op. cit.*, p.742).

¹⁵⁵ Refere-se à carta de 12 de novembro de 1908.

Estou cansado e não quisera acabar assim. A minha dúvida toda é se tenho o direito de renunciar o posto sem saber por quem me substituiriam. Quisera que V. tivesse visto a minha correspondência com o Rio Branco desde que aqui cheguei, como eu quisera ver a sua da Haia. Um dia talvez as possamos comparar. Estou cansado.

Eu penso que V. não apreciou bastante a honra que lhe fez Yale¹⁵⁶. É a maior que um latino-americano tenha recebido deste país. Se V. tivesse podido aceitar, teria sido um imenso serviço ao nosso país. Devo dizer-lhe que por causa da Haia V. é hoje conhecido e admirado nos Estados Unidos como V. mesmo não pode calcular. Eu orgulho-me disso, como lhe mandei dizer pelo Graça Aranha. Nestes quatro anos, com a distinção que me faz o Presidente e a amizade de Mr. Root, tive uma situação especial no Corpo Diplomático latino-americano. Vamos ver se no meu segundo período serei tão feliz, mas seria um caso muito extraordinário. Estou cheio de compromissos entretanto para estes meses até o verão, e assim vou-me mantendo em contato com as Universidades e os Colégios.

Adeus, meu caro Rui, peço-lhe que me ponha aos pés de sua Senhora, e que se lembre sempre do

Velho Colega e Amigo

Joaquim Nabuco

¹⁵⁶ Rui havia declinado do convite para proferir a aula inaugural de 1908 (Cf. nota 129)

Rio, 25 maio 09.

Meu caro Joaquim Nabuco

Abraços e saudades.

Imagino quanto não te há de ser agradável acolher aí os moços nossos conterrâneos, que têm de levar ao futuro a tradição viva da tua grande personalidade.

Não te serei, pois, impertinente, recomendando ao teu gasalhado e proteção o jovem paulista Álvaro de Macedo, filho do tabelião Claro de Macedo, que te apresento. Vai ele aí cursar engenharia. Recebe-o à tua boa sombra, e deixa-o admirar de perto, mais feliz que

o teu velho amigo

Rui Barbosa

Acabou-se de imprimir em dezembro de 1999, ano do Sesquicentenário do
Nascimento de Rui Barbosa e Joaquim Nabuco.
Composto em tipos das famílias ITC Garamond Condensed e Granjon.
Impressão e acabamento na Gráfica Imprinta.